

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PEDRO TEIXEIRA DE ALMEIDA

**SUBLIMAÇÃO E INSPIRAÇÃO EM LAPLANCHE: SUAS RELAÇÕES
COM A TRANSFERÊNCIA**

Belo Horizonte

2022

PEDRO TEIXEIRA DE ALMEIDA

**SUBLIMAÇÃO E INSPIRAÇÃO EM LAPLANCHE: SUAS RELAÇÕES
COM A TRANSFERÊNCIA**

1. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. D.r Fábio Roberto Rodrigues Belo

Belo Horizonte

2022

150 Almeida, Pedro Teixeira de.
A447s Sublimação e inspiração em Laplanche [manuscrito] :
2022 suas relações com a transferência / Pedro Teixeira de
Almeida. - 2022.
54 f. : il.
Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Sublimação – Teses.
3. Laplanche, Jean.. 4. Transferência (Psicologia) - Teses.
4. Inspiração - Teses. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA DE ALMEIDA

Realizou-se, no dia 25 de agosto de 2022, às 13:30 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *SUBLIMAÇÃO E INSPIRAÇÃO EM LAPLANCHE: SUAS RELAÇÕES COM A TRANSFERÊNCIA*, apresentada por PEDRO TEIXEIRA DE ALMEIDA, número de registro 2020678963, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Fernando César Bezerra de Andrade (UFPB), Prof(a). Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro (UFMG), Prof(a). Felipe Latanzio (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando César Bezerra de Andrade, Usuário Externo**, em 26/08/2022, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Roberto Rodrigues Belo, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2022, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PAULO CESAR DE CARVALHO RIBEIRO, Usuário Externo**, em 26/08/2022, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Figueiredo Lattanzio, Usuário Externo**, em 30/08/2022, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1711987** e o código CRC **141F944C**.

AGRADECIMENTOS

Sem as pessoas listadas aqui, sabe-se lá onde eu estaria hoje. Gostaria de agradecer a:

Lucas, por me ajudar a forjar outro destino para nossa família.

Frank, Rai e Manoel, por me permitirem criar um lugar de pertencimento dentro da família e pela acolhida em Belo Horizonte.

Iosque, por me dar a possibilidade material de concluir uma graduação.

Ana, Ana Flávia, Lucas, Julia, Gabriel, Tainá, Tota, Clara e Pedro, laços que não só resistiram a distância da pandemia, mas que se fortaleceram durante esse período.

Paula e Olivia, por não somente serem presenças constantes, mas parceiras de interlocução teórica e clínica.

Davi-san e Luiz Felipe Pomposo, que me fizeram companhia nos incontáveis dias que queria fugir das páginas em branco.

Fábio, por compreender meus momentos de inibição e luto e por incentivar e auxiliar minhas elaborações teóricas, desde a graduação.

Meus pacientes, por me ensinarem a escutar.

Filipi e Ana Cecília, por cuidarem da minha mente, com toda paciência do mundo.

Projeto Travessias, por apoiar meus primeiros passos na clínica.

CAPES, por propiciar o financiamento para a pesquisa.

UFMG, que me proporcionou uma formação sólida e mudou radicalmente minha vida.

Gustavo, que, mesmo após conviver com as piores versões de mim, ainda me banha com seu amor e carinho.

Maria Terezinha Fonseca, fonte de saudades e também de inspirações.

O destinatário da produção cultural é sempre anônimo, ignorado, futuro: mas é com ele que há transferência. (Laplanche, 1993, p.78).

Joyce: Aqui estão todos os textos que ela escreve, é o mesmo que eu escrevo.

Jung: Mas onde você nada, ela se afoga.

(Resposta de Jung à James Joyce, quando ele leva a filha Lúcia, atormentada por sintomas psicóticos, para uma consulta). (Piglia, 2004, n.p.).

RESUMO

ALMEIDA, P. T. de (2022). *Sublimação e inspiração em Laplanche: suas relações com a transferência*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Neste trabalho, temos por objetivo extrair as consequências metapsicológicas e clínicas da definição de sublimação na obra de Freud, bem como “fazer trabalhar” as noções de inspiração e sublimação na obra de Laplanche, articulando-as aos desdobramentos teórico-clínicos do autor sobre a transferência. De modo a alcançar esse objetivo, traçamos a evolução da noção de sublimação ao longo da obra freudiana, assim como os usos que Freud faz desta em seus casos clínicos. Dessa maneira, retomamos a teoria da sedução generalizada, a teoria das pulsões de Laplanche, os conceitos de transferência da transferência, transcendência da transferência e inspiração. Assim, tencionamos em que implicaria a ideia de objetos socialmente valorizados, bem como a tese da dessexualização da pulsão e sua diferenciação com o recalque, com intuito de indagar o estatuto da sublimação em Freud. Além disso, propomos um espectro da inspiração, ampliando essa noção para fora das paredes da tina analítica e oferecendo um modelo que permita pensar matizes da sublimação.

Palavras-Chave: Arte. Inspiração. Laplanche. Sublimação. Transferência.

ABSTRACT

ALMEIDA, P. T. de (2022). *Sublimação e inspiração em Laplanche: suas relações com a transferência*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

In this work we aim to extract the metapsychological and clinical consequences of the definition of sublimation in Freud's work, as well as to 'make work' the notions of inspiration and sublimation in Laplanche's work, articulating them to the author's theoretical-clinical developments on transference. In order to reach this objective, we trace the evolution of the notion throughout the Freudian work, as well as the uses that Freud makes of it in his clinical cases, we return to the theory of generalized seduction, the theory of drives, the concepts of transference of transference, transcendence of transference and inspiration. Thus, we wonder what are the possible implications of the drive's desexualization thesis, the idea of socially valued objects and also its differentiation with repression. Furthermore, we propose a spectrum of inspiration, expanding this notion outside the walls of the analytical vat and offering a model that allows us to think about sublimation nuances.

Key-words: Art. Inspiration. Laplanche. Sublimation. Transference.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 A espiral da análise	41
Figura 2 Movimento de inspiração.....	42
Figura 3 Neurose fora da análise	43
Figura 4 Espectro da inspiração	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DEVE-SE QUEIMAR A SUBLIMAÇÃO?	12
2.1 INTRODUÇÃO.....	12
2.2 A SUBLIMAÇÃO EM FREUD	13
2.3 A SUBLIMAÇÃO NOS CASOS CLÍNICOS DE FREUD	16
2.4 SOBRE OBJETOS SOCIALMENTE VALORIZADOS	19
2.5 DESSEXUALIZAÇÃO.....	21
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
3 TRANSFERÊNCIA E SUBLIMAÇÃO NA OBRA DE JEAN LAPLANCHE	29
3.1 INTRODUÇÃO.....	29
3.2 UMA TEORIA DAS PULSÕES.....	30
3.3 CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO	31
3.4 O MÉTODO EM CONTINUIDADE COM A TEORIA	32
3.5 AS TRANSFERÊNCIAS EM LAPLANCHE	34
3.6 SUBLIMAÇÃO E INSPIRAÇÃO EM LAPLANCHE	37
3.7 A INSPIRAÇÃO E OS ARTISTAS.....	44
3.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
4 CONCLUSÃO.....	52

1 INTRODUÇÃO

Algo dos incômodos e dos interesses envolvendo o tema da dissertação surge desde meu primeiro contato com a ideia de sublimação. Essa noção de sublimação me parecia algo alienígena. Apesar do contato com a psicanálise, de maneira geral, ser marcado por esse estranhamento, as ideias que me eram apresentadas ali pareciam fazer sentido – às vezes de maneira literal – para a realidade que eu estava acostumado. Eu não me horrorizava, como acontecia com meus colegas de sala, com a ideia de que relações entre pais e filhos, por exemplo, era marcada por afetos ambivalentes de amor e ódio. No entanto, a ideia de um destino da pulsão dessexualizado, de certa forma, idealizado e que talvez fosse o principal mecanismo psíquico responsável pela criação artística e intelectual me incomodava profundamente. Um primeiro incômodo era que a sublimação me parecia uma saída pulsional elitista, ou restrita a uma parte muito pequena da população, que teria uma disposição especial à sublimação ou mesmo restrita a classes sociais muito específicas. Era quase como se eu me perguntasse se em algum momento da vida eu também teria acesso àqueles recursos, como os colegas de sala que pintavam, dançavam e escreviam, quer dizer, exerciam atividades que pareciam ter ligação com a arte e, por consequência, com a sublimação. Um segundo incômodo que eu poderia chamar de teórico ocorria sempre que eu endereçava questionamentos sobre a definição de sublimação a colegas, monitores, professores. Eu recebia uma miscelânea de respostas, o que não acontecia com outros conceitos da psicanálise. Isso me levou a endereçar esses questionamentos também aos textos de Freud, que, para minha decepção, não chegou a dedicar nenhum texto exclusivamente ao conceito. Apesar desse problema de definição, aquela noção era sempre evocada, sobretudo na relação entre arte e psicanálise. Eram textos de porta de galeria, ou algum artigo que correlacionava uma determinada produção artística à sublimação. Assim, ao longo dos anos e da pesquisa, esse incômodo teórico amadureceu para se tornar uma insatisfação com o estado da noção de sublimação na literatura e da não relação entre sublimação e clínica, o que deu luz ao primeiro artigo produzido no mestrado, intitulado *Deve-se queimar a sublimação?*.

No meu projeto, intitulado *Sublimação e inspiração em Laplanche: suas relações com a transferência*, a ideia inicial era fazer dois artigos: um deles investigando o conceito de sublimação e inspiração em Laplanche; e o outro tencionando esses conceitos às concepções de Laplanche a respeito da transferência. Na escrita do primeiro artigo, no entanto, optei por propor os questionamentos que Laplanche levanta a respeito da noção de sublimação aos textos de Freud. Assim, retomei a evolução da noção ao longo da obra freudiana, bem como

os usos que o autor faz em seus casos clínicos, para depois tencionar a definição de sublimação quanto a seus elementos distintivos: a dessexualização da pulsão, a diferenciação da sublimação com o recalque e os objetos socialmente valorizados. Indagamo-nos se a referência à sublimação não haveria se tornado uma reverência, vaga, obrigatória, sem uma concepção metapsicológica clara.

O segundo artigo acabou congregando as duas ideias iniciais presentes no projeto. Com o intuito de preencher a lacuna existente entre a sublimação e a clínica, procurei fazer trabalhar a noção de inspiração na obra de Jean Laplanche. Para tanto, busquei retomar a interpretação de Laplanche dos dualismos pulsionais freudianos, a teoria da sedução generalizada, as concepções sobre a transcendência da transferência e a transferência da transferência, bem como articulá-las à ideia de inspiração. Dessa maneira, tratei de interpretar a noção de inspiração não somente como produto da análise, mas como movimento que acontece fora e historicamente antes dessa noção, ampliando, assim, essa perspectiva, ao propor um espectro da inspiração.

A elaboração desta dissertação foi marcada por uma série de contingências infelizes, a começar pela pandemia da covid-19, após a disseminação em massa do vírus SARS-CoV-2, que, supostamente, iria durar três meses e, de certa forma, acompanha-nos (de maneira menos letal) até hoje. Foi um grande processo de adaptação, ter aulas, atender, pesquisar, tudo de dentro de casa e com a morte na esquina. Às vezes, perguntava-me o propósito de estar pesquisando aquilo que parecia um debate sobre o sexo dos anjos, dentro desse contexto de crise. Mas as interlocuções com o orientador e com amigos reavivavam o interesse pela pesquisa.

Colocar em xeque a definição de uma noção que vem sendo estudada há pelo menos cem anos e que, de certa forma, já está estabelecida tanto na cultura, quanto na própria área, assim como fazer trabalhar o conceito de inspiração, num sentido que não é consenso para os autores que estudam Laplanche, despertou uma série de inseguranças e angústias. Muitas sessões de análise giravam em torno desse receio de estar falando asneiras. Por sorte, Fábio foi um orientador muito compreensível, e me deu todo suporte necessário, o que me ajudava nas negociações internas com meu superego.

A escrita do primeiro artigo fluiu de maneira mais tranquila. Apesar de ser marcado por um período de adaptação à pandemia, sinto que encontrei mais suporte na literatura para interpretar o texto de Freud. Nesse tempo, realizei um trabalho menos propositivo, e mais de extração de consequências a partir de certa leitura de Freud. O segundo artigo, além de conseguir me expressar de uma maneira autoral de pensar a teoria de Laplanche, o que gerava

as inseguranças comentadas, coincidiu temporalmente com um período marcado por um luto de uma das pessoas mais importantes de minha vida, minha avó, Maria Terezinha Fonseca. Lidar com esse luto drenou muito da libido que investia na pesquisa. Porém, conforme o tempo e as sessões de análise iam passando, a dor causada pela falta foi se transformando em saudade. Isso me permitiu pôr em marcha novamente a pesquisa. Enfim, sinto que na proposição do espectro da inspiração tem muito do próprio processo de escrita desta dissertação. E, embora tenha oscilado por diversos pontos, vivido períodos intensos de luto, inibição, houve também inspiração.

2 DEVE-SE QUEIMAR A SUBLIMAÇÃO?¹

Resumo

No presente artigo, trabalhamos a noção de sublimação dentro da obra de Freud, buscando extrair as consequências que sua definição tem para a metapsicologia e para a clínica. De modo a alcançar esse objetivo, traçamos a evolução da noção de sublimação ao longo da obra freudiana, assim como os usos que o autor faz em seus casos clínicos. Assim, tencionamos em que implicaria a ideia de objetos socialmente valorizados, bem como a tese da dessexualização da pulsão e sua diferenciação com o recalque, a fim de indagar o estatuto da sublimação em Freud.

Palavras-Chave: Sublimação. Dessexualização. Casos clínicos. Arte.

Abstract

This study researches the notion of sublimation within Freud's works, seeking to extract the consequences of its definition for metapsychology and for the clinic. Aiming to achieve this objective, we trace the evolution of the notion throughout Freud's work. And also, how the author uses it in his clinical cases. Thus, we wonder what are the possible implications of the drive's dessexualization thesis, the idea of socially valued objects and also its differentiation with repression.

Keywords: Sublimation. Dessexualization. Clinical cases. Art.

2.1 INTRODUÇÃO

A palavra sublimação origina-se do latim *sublimare*, que podemos traduzir como “elevar ao alto” (França Neto, 2007). No campo da alquimia, a sublimação se refere a um processo de purificação ou transformação do metal em ouro puro. Na química, nomeia a passagem de uma substância do estado sólido para o estado gasoso, sem que essa substância passe pelo estado líquido (Lage, 2008). Na definição freudiana de sublimação, encontramos algumas ressonâncias tributárias desses usos: tal como na alquimia, é um processo de transformação que está em jogo, só que dessa vez se referindo à pulsão, do sexual ao não sexual; tal como na química, a uma passagem direta de um estado a outro, que não passa pelo intermédio do recalque. Aquilo que Freud descreve como uma atividade de sublimação estará

¹ Esse título remete ao texto de Laplanche (1988) *É preciso queimar Melanie Klein?*

ligado, sobretudo, à criação artística e à investigação científica (Laplanche & Pontalis, 1999). Apesar da extensão da obra de Freud e das várias aparições do termo, não temos nenhum ensaio do autor dedicado, exclusivamente, à noção de sublimação. O manuscrito a respeito do assunto, se é que existiu, foi queimado ou perdido (Laplanche, 1999/2017). Nesse sentido, por mais que tenhamos certa homogeneidade nas indicações de Freud sobre o tema, elas carecem de uma sistematização, de uma metapsicologia (Laplanche, 1999/2017). É o que nos demonstra o próprio Freud em um texto tardio como *Mal-Estar na civilização*, afirmando que a sublimação teria uma “... qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente” (Freud, 1930, p. 24).

Porquanto, há diversas produções na literatura que fazem o empenho de preencher a lacuna teórica da sublimação em Freud, esforçando-se para encontrar as continuidades nas suas indicações sobre essa noção, como Rocha (2010), Mendes (2011), França Neto (2007), Lage (2008), e outras que exploram as articulações entre o processo analítico e a sublimação (Castiel, 2006; Lagache, 1984). No presente artigo, tomamos a noção de sublimação em Freud como fio condutor e nos perguntamos se a “... sublimação ainda é útil, utilizável, utilizada?” (Laplanche, 1999/2017, p. 35). Para respondermos a essa pergunta, estruturamos o trabalho em quatro diferentes seções.

Na primeira seção, buscaremos retomar a noção de sublimação ao longo de distintos momentos da obra de Freud, com intuito de definirmos o que o autor entenderia por sublimação, bem como compreendermos as variações que a noção sofreu ao longo da obra. Em um segundo momento, tencionamos a relação entre a sublimação e a prática clínica, retomando as menções à sublimação nos casos de Freud. Na terceira seção, abordamos o problema envolvendo a definição do que seriam os objetos visados pela sublimação. Por fim, buscamos compreender as especificidades metapsicológicas da sublimação, por que ela se diferenciaria do recalque e em que implica a dessexualização envolvida no processo.

2.2 A SUBLIMAÇÃO EM FREUD

A primeira utilização do termo *sublimação* por parte de Freud se dá na correspondência com Fliess, em 1897. Na carta, Freud afirma que a histeria remonta a reprodução de cenas do passado e que essas surgiriam na análise sob a forma de fantasias que operariam como “... sublimações dos fatos, embelezamento deles ...” (Masson, 1984, p. 240). Elas teriam, portanto, o caráter defensivo de evitar o surgimento de cenas com conteúdos sexuais. Mesmo que Freud utilize apenas o termo, não designando a sublimação como

conceito, podemos entrever o caráter de dessexualização que persistirá, ainda que com diferentes tonalidades, ao longo de toda a obra dele (Campos & Loffredo, 2019).

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905a) trouxe a sublimação, dessa vez, como noção igualmente marcada como uma defesa contra o sexual. A dessexualização das moções pulsionais perverso-polimorfos seria peça fundamental para as realizações culturais, sendo a noção de sublimação atrelada a esse processo. Quer dizer, a sublimação lida com elementos disruptivos para, senão pacificá-los, ao menos fornecer-lhes modos de expressão compatíveis com a cultura².

O processo de sublimação toma contornos mais nítidos somente em 1908 com a publicação de *Moral sexual “cultural” e nervosismo moderno* (Freud, 1908). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Freud afirma que o processo civilizatório impõe certas restrições à satisfação sexual direta, sendo necessário trocá-la por satisfações indiretas. Assim, “... essa capacidade de trocar a meta originalmente sexual por outra, não mais sexual, mas àquela aparentada psiquicamente, chama-se capacidade de sublimação” (Freud, 1908, p. 369). Ou seja, temos uma troca do objeto e da meta da pulsão, ainda que nesse texto não fique clara a diferença entre o recalque e a sublimação (Mendes, 2011).

No texto sobre Leonardo Da Vinci (Freud, 1910), o autor articula a atrofia da vida sexual de Leonardo à sua intensa produção como cientista, pesquisador e pintor, tomando o artista como exemplo paradigmático de sublimação. A distinção entre o recalque e a sublimação fica mais nítida na teorização sobre as origens da pulsão de saber. Freud propõe que a pulsão de saber é um sucedâneo da investigação sexual infantil, que teria três destinos possíveis com a irrupção do recalque: o primeiro, a inibição neurótica, uma forma de impedimento do pensar, suspendendo a atividade intelectual ao longo do desenvolvimento pela via da religião; o segundo seria a sexualização do pensamento, que possui um caráter de ruminação interminável, como observamos nas neuroses obsessivas; e o terceiro tipo, ao qual Leonardo é associado, em que a “... libido se furta ao destino da repressão, ao sublimar-se em ânsia de saber desde o início e juntar-se ao vigoroso instinto de pesquisa, reforçando-o.” (Freud, 1910, p. 140). Freud distingue, então, recalque e sublimação, movimento que continuará no texto *As pulsões e seus destinos* (Freud, 1915a), com a delimitação da sublimação como um dos destinos possíveis da pulsão em contraposição ao recalque. Apesar de serem textualmente apontados como diferentes destinos da pulsão, perguntamo-nos em que

² Nesse momento, Freud não chega a diferenciar a sublimação da formação reativa, tendo essa, portanto, uma relação direta com o recalque.

medida podemos diferenciar a sublimação dos produtos do recalque, sobretudo se levarmos em conta a dessexualização da pulsão.

No mesmo período de elaboração dos artigos sobre a metapsicologia, temos formulações pertinentes sobre o tema da sublimação no texto *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914), sobretudo a diferenciação entre os processos de idealização e sublimação. Cabe ressaltar que esse texto datava um período intermediário entre os desenvolvimentos da primeira e segunda teoria das pulsões, quando Freud deixou de se referir ao conflito entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, para trazer as noções de libido objetual e libido do eu. Aqui, o processo de sublimação foi descrito da seguinte maneira: “... o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante ao que é sexual” (Freud, 1914, p. 40). Enquanto isso, a idealização se refere a uma “... superestimação sexual do objeto” (Freud, 1914, p. 41). Então, a sublimação se refere à pulsão, uma inibição da meta que é sempre a satisfação sexual, por meio da troca do objeto, que passa a ser socialmente valorizado, ao passo que a idealização se refere ao objeto sem que tenhamos uma dessexualização da libido. Essa última pode favorecer o recalque; já a sublimação é um destino possível para a exigência de trabalho da pulsão que não passa pelo recalque. (Freud, 1914).

Após a virada de 1920, com o novo dualismo pulsional, o conflito passa a ser entre pulsões sexuais e pulsões de morte. A sublimação é descrita como um processo que ocorre por intermediação do eu e que teria um caráter de dessexualização, conversão de libido objetual sexual para libido narcísica (Freud, 1923). O eu se apodera da libido do isso, dessexualizando-a e unificando-a em único objeto de amor, trabalhando a favor de Eros (Freud, 1923). Porém, esse trabalho de sublimação acarreta em defusão pulsional, liberando os componentes agressivos da pulsão de morte que podem subjugar o eu. Essa indicação para pensarmos uma dimensão mortífera da sublimação foi pouco trabalhada depois de Freud, ainda que tenhamos pesquisas recentes que se debruçaram sobre esses efeitos (Metzger & Júnior, 2010; Lage, 2008; Carvalho, 2006).

Os últimos desenvolvimentos da noção de sublimação estão presentes no texto *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930). Ao assinalar as possíveis saídas encontradas pela pulsão para contornar os sofrimentos impostos pela civilização, o autor elenca a sublimação como uma maneira de deslocar a meta das pulsões, obtendo-se prazer a partir do trabalho intelectual e psíquico, e cita como exemplos a alegria do artista na criação e a do pesquisador na resolução de problemas (Freud, 1930). No entanto, relaciona um problema a esse tipo “... mais fino e elevado” (Freud, 1930, p. 24) de satisfação da pulsão, que seria a falta de

intensidade em comparação às satisfações mais grosseiras, uma vez que “... ela não nos abalada fisicamente” (Freud, 1930, p. 24). Denota também uma dependência do mecanismo de sublimação de certo talento ou disposição especial. Porém, em uma interessante nota de rodapé, o autor fala da possibilidade de incluir o trabalho nessa esteira de deslocamento de componentes libidinais, isso apenas quando o trabalho é escolhido livremente, e não por força da necessidade (Freud, 1930). Compreendemos essa falta de intensidade da satisfação presente na sublimação como relacionada à dessexualização que está presente no processo. No entanto, temos diversas modalidades de criação artística que têm relação direta com a corporeidade, como a dança, o teatro e a performance. Além disso, nos perguntamos como ficaria essa separação entre satisfações grosseiras e finas se levarmos em consideração toda a dinâmica de prazer envolvendo *voyeurismo*/exibicionismo.

Então, congregando os diversos momentos de definição do termo em Freud, podemos afirmar que a sublimação é um processo em que a pulsão sexual se desvia para uma meta não sexual e passa a visar objetos socialmente valorizados (Freud, 1905a; Freud, 1908, Freud, 1914), sendo um destino da pulsão que não passa pelo recalque (Freud, 1910; Freud, 1915a). Partindo dessa definição, podemos nos remeter à anedota da faca de Jeannot (Laplanche, 1980/1989): trocamos um a um os componentes de uma faca, troca-se a lâmina, continua sendo a faca de Jeannot, troca-se o cabo e, por fim, troca-se a bainha, continuamos falando da faca de Jeannot? Ou seja, como continua a pulsão sendo sublimada? Quando falamos de dessexualização da pulsão, separamos a pulsão de sua fonte, sua meta (inibida) e modificamos seu objeto (socialmente valorizado). O que restou da pulsão?

2.3 A SUBLIMAÇÃO NOS CASOS CLÍNICOS DE FREUD

Compartilharmos da impressão de Jean Laplanche de que raramente mencionamos a sublimação em nossas discussões clínicas e supervisões (Laplanche, 1999/2017). O motivo elencado pelo autor como explicação para isso seria a *razão da cruz vermelha*: se em uma guerra estabelecermos o acordo de que não se deve atacar as ambulâncias, é muito provável que o inimigo se utilize delas como camuflagem. Nesse sentido, em uma análise, tudo seria material de interpretação para o analista, não havendo uma separação entre sublimações respeitáveis que não devem ser tocadas. “Essa escolha de analisar tudo, sem respeito nem reserva, seria a transposição da famosa frase de Montfort ‘matem todos; Deus reconhecerá os seus’ – num ‘analise tudo, a sublimação reconhecerá os seus’” (Laplanche, 1999/2017, p. 36).

Optamos, no entanto, por tencionar a relação entre sublimação e clínica, retomando as menções à noção de sublimação nos casos clínicos de Freud e em trabalhos recentes.

No caso Dora (Freud, 1905b), temos quatro passagens distintas que se referem à noção de sublimação. A primeira menção afirma que a náusea sentida por Dora ocorreria por “... deslocamento da sensação” (Freud, 1905b, p. 201) e que, nesse sentido, faltaria a sublimação genital, comum “... numa garota saudável em tais circunstâncias” (Freud, 1905b, p. 201-202). Na segunda, Freud aponta que quando alguém se torna perverso manifestamente, na verdade, apenas permaneceu assim. Haveria nesses casos uma inibição presente no desenvolvimento que barrou a sublimação ou recalque das pulsões sexuais (Freud, 1905b, p. 229). Em ambas as menções, a sublimação é tomada como uma espécie de índice do desenvolvimento normal que, quando inibido, geraria o sintoma ou a perversão. As próximas duas alusões à sublimação se referem à transferência, que poderia ocorrer de forma sublimada, atenuada ou como “... simples reimpressões” (Freud, 1905b, p. 312), isto é, transposição completa de seu conteúdo, com exceção da substituição pela figura do médico (Freud, 1905b). Notamos que o uso da noção nesses trechos é consonante com a primeira aparição do termo nas correspondências com Fliess. A sublimação aparece como uma atenuação das cenas vividas, agora transposta para a análise sob a forma de fantasias. Nesse sentido, a sublimação é de difícil diferenciação à capacidade de deslocamento da pulsão.

Tanto no caso do pequeno Hans (Freud, 1909a), quanto no “homem dos ratos” (Freud, 1909b), publicados no mesmo ano, temos apenas uma menção à sublimação. Em Hans, o termo aparece em nota de rodapé, quando o paciente se distancia de seus componentes sexuais, por conta de uma “... forte onda de repressão” (Freud, 1909a, p. 273), e desperta um interesse pela música. No caso do homem dos ratos, a sublimação é citada como um dos destinos dos componentes sexuais ao longo do desenvolvimento, sendo o adoecimento por conta da sexualidade uma espécie de transtorno no desenvolvimento, pois alguns indivíduos “... não conseguem atingir a supressão e sublimação dos componentes sexuais sem que haja inibições e formações substitutivas” (Freud, 1909b, p. 65). Percebemos a persistência do tom desenvolvimentista presente em *Três ensaios*, em que a sublimação é associada a um estágio de supressão da sexualidade infantil ao longo do desenvolvimento, que ocorreria concomitante ao recalque com a diferença de não gerar inibições ou formações reativas. Como podemos pensar essa supressão da sexualidade infantil sem associá-la ao recalque? E em que medida os destinos sublimatórios se diferenciam de fato de inibições ou formações reativas?

Na análise da autobiografia de Schreber, a noção de sublimação aparece timidamente para se referir ao sol do delírio de Schreber como um “... símbolo sublimado do pai” (Freud, 1911, p. 48), borrando as fronteiras entre simbolização e sublimação. Em outro trecho, a riqueza da construção delirante de Schreber e sua relação com a religião faz Freud perceber, retrospectivamente, a riqueza das sublimações destruídas (Freud, 1911). Por fim, Freud reitera o vínculo entre a rejeição das práticas sensuais, por parte de homossexuais manifestos, e a “... intensa participação nos interesses gerais da humanidade, surgidos mediante a sublimação do erotismo.” (Freud, 1911, p. 53).

Aqui, uma breve consideração se faz válida: entendemos que a sexualidade na psicanálise se refere à sexualidade infantil perverso-polimorfa tal como descrito em *Três Ensaio*s (Freud, 1905a). Trechos como este nos dão a impressão de que a dessexualização das pulsões presente no processo de sublimação se refere, exclusivamente, à genitalidade, tal como na vida sexual empobrecida de Leonardo, paradigma da sublimação. Se admitirmos essa hipótese, sempre encontraríamos uma relação inversamente proporcional entre a atividade sexual genital e a sublimação, o que não nos parece ser o caso, visto que mesmo Leonardo não tinha uma vida sexual tão empobrecida como queria Freud (Laplanche, 1980/1989).

Enquanto no texto sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (Freud, 1920) não há nenhuma menção à sublimação, no caso do “homem dos lobos” (Freud 1918), encontramos o maior número de referências à noção dentro dos casos clínicos de Freud. A sublimação do “homem dos lobos” se dá pela “... religião domando as tendências sexuais, ao lhe proporcionar uma sublimação” (Freud, 1918, p. 101) e pelo entusiasmo por coisas militares, que seria “... uma nova e melhor sublimação do seu sadismo” (Freud, 1918, p. 101). Tendo um viés de defesa contra angústia, “... ele primeiramente se havia protegido pela sublimação religiosa e da qual logo deveria se proteger, de modo ainda mais eficaz, pela sublimação militar” (Freud, 1918, p. 63). É interessante notar que a religião que no texto sobre Leonardo aparece atrelada à inibição do pensamento (Freud, 1910) agora é tomada como sublimação no caso do “homem dos lobos”.

Há duas formas de se interpretar essa contradição. A primeira é apontar para a dificuldade de Freud em distinguir a sublimação do recalque. Lembremos que a religião equivale, em outros textos do autor (Freud, 1927), à neurose obsessiva, portanto, fruto do recalque. Uma segunda maneira de se interpretar, sobre a qual voltaremos adiante, é que o próprio objeto da sublimação varia dentro de cada dinâmica psíquica, isto é, a religião pode

ser via sublimatória num caso, mas ser consequência de recalçamento em outro. Uma vez mais, questionamos quais seriam as diferenças práticas entre esses casos?

Então, retomando as menções à sublimação nos casos clínicos de Freud, percebemos que a sublimação é tomada como um índice de normalidade, por assim dizer. Se há neurose, se há sintoma, retrospectivamente, não houve sublimação da pulsão, que geraria um destino sem conflito e sem formações reativas. Também notamos que Freud se refere à sublimação ora como uma dessexualização na esfera genital, como na vida sexual de Leonardo, ora como ligação dos componentes agressivos da pulsão, na sublimação do sadismo pelo entusiasmo por coisas militares que ocorre no “homem dos lobos”. Talvez, seja por isso que raramente mencionamos a sublimação em nossas discussões clínicas. No entanto, o pudor relativo ao uso da noção desaparece ao deitarmos personagens históricos e artistas em nossos divãs, como a pintora mexicana Frida Kahlo (Becker, 2016), a artista francesa Orlan (Falbo & Freire, 2009), e o escritor David Foster Wallace (Carvalho, 2010). Será, então, que a noção de sublimação seria reservada à psicanálise aplicada? Não por acaso, a referência principal permanece sendo o Leonardo de Freud (1910). Acreditamos, porém, que essa desvinculação da sublimação e clínica se deva mais à ideia de dessexualização presente na noção. Podemos dizer que na clínica o que nos interessa é o sexual, no sentido de que nunca reduziremos um atraso à sessão a uma simples discussão sobre os horários de trem (Laplanche, 1987/1992).

2.4 SOBRE OBJETOS SOCIALMENTE VALORIZADOS

Os artistas não sublimam. Crer que eles não satisfazem nem reprimem seus desejos, mas os transformam em realizações socialmente desejáveis, suas obras, é uma ilusão psicanalítica. Aliás, nos dias de hoje, obras de arte legítimas são, sem exceção, socialmente indesejadas (Adorno, 1951/1996, p. 186).

Para além da turbulenta relação entre sublimação e clínica, outro importante ponto de tensão que está associado à noção de sublimação se refere à troca do objeto da pulsão. Entendemos que o objeto é o componente mais variável da pulsão (Freud, 1915a), quer dizer, os objetos pelos quais a pulsão vai alcançar sua satisfação não têm nenhum tipo de marcador instintivo. No entanto, o que seriam esses objetos *socialmente valorizados* pelos quais a pulsão vai alcançar a satisfação na sublimação? Como podemos delimitar esses objetos socialmente valorizados, sendo que a psicanálise não comporta uma teoria dos valores? (Laplanche, 1980/1989).

A ideia de que existem objetos socialmente valorizados pressupõe certa norma social que a própria psicanálise recusa. Parece ser um consenso afirmarmos que o artista e o pesquisador sublimam (Freud, 1930), isto é, as produções artísticas e científicas são socialmente valorizadas pelos psicanalistas, mas o mesmo consenso desaparece se tomamos como objeto elementos cotidianos. “Por que sempre o pintor e o pesquisador, e não o torneiro, o jogador de golfe ou quem cultiva seu jardim? E o que dizer de quem se fascina ao navegar pela internet?” (Laplanche, 1999/2017, p. 36).

A premiada peça *O evangelho segundo Jesus, rainha do céu*³, de Jo Clifford, que retrata Jesus na atualidade como uma mulher transgênero, pode ser entendida como uma sublimação, o que não a impediu de ser alvo de diversos ataques por parte de políticos e religiosos, chegando, inclusive, a ser censurada (Simões, 2017). No mesmo momento, a peça recebeu suporte de campanhas de visibilidade e de companhias de teatro, o que demonstra como os objetos e valores visados pela sublimação nem sempre participam de um consenso conformista e variam dentro de diferentes grupos sociais (Laplanche, 1999/2017).

Ainda sobre os objetos da sublimação, não podemos esquecer que, além dos valores se referirem a grupos sociais específicos – um objeto socialmente valorizado dentro de um grupo pode ser desvalorizado em outro grupo –, eles também estão inseridos dentro de circuitos pulsionais singulares. Isto é, o estatuto de um objeto está intimamente relacionado com a dinâmica psíquica de um sujeito. Não faz sentido, então, nos perguntarmos se a criação artística, por exemplo, teria sempre um caráter de sublimação, senão que essa criação dentro de um caso específico o tenha – assim como no caso do “homem dos lobos”, onde a religião, que em linhas gerais pode ter o caráter de uma inibição do pensamento, assume a função de uma sublimação (Freud, 1918). Portanto, entendemos que os objetos da sublimação devem ser referenciados dentro de cada caso, não sendo possível dar à arte ou a qualquer outro objeto um estatuto de sublimação *a priori*.

Posto isso, permanecem as questões: quais são as diferenças clínicas a serem apontadas na relação entre sujeito e objeto nos casos de sublimação e de recalçamento? Para ficar na contradição anteriormente apontada, o que faz a relação com a religião do “homem dos lobos” ser sublimação, e não fruto do recalque? No que ela se distingue da relação dos religiosos apontada tantas vezes por Freud como uma relação neurótica, fruto do recalçamento, se o que estamos falando nesse caso é justamente de uma dominação, do sadismo infantil.

³ Disponível em: <https://bit.ly/3Kwr5qi>.

2.5 DESSEXUALIZAÇÃO

Quais são as especificidades metapsicológicas da sublimação? Como podemos diferenciá-la de uma inibição ou formação reativa? Procuramos demonstrar que os objetos da sublimação não podem ser definidos *a priori*. Assim, não podemos simplesmente evocá-los de maneira a distinguir a sublimação de outros conceitos, como se ela fosse um destino especial da pulsão que tem como resultado a criação artística e intelectual. Descartando, então, uma definição de sublimação que passe por uma exemplificação dos objetos, resta-nos outros dois elementos elencados por Freud como específicos: o primeiro se refere à sublimação ser um destino da pulsão que não passa pelo recalque (Freud, 1915b), tal como a transformação da matéria em estado sólido para o gasoso, que não passa pelo líquido; o segundo diz respeito à dessexualização da pulsão (Freud, 1905a; 1908; 1914). O que seria uma relação de objeto dessexualizada? Como podemos pensar uma relação dessexualizada que não passe pelo recalque? E mesmo se admitirmos essa hipótese, será que essa dessexualização se daria sem restos?

Como assinalado na seção sobre os casos clínicos, em alguns momentos, Freud parece atrelar a dessexualização, presente na sublimação, a um afastamento da sexualidade genital (Freud, 1910; 1911). Para além dessa interpretação de erigir uma espécie de *artista assexual* como figura privilegiada da sublimação – o que poderia ter resultados cômicos, como psicanalistas pesquisando a vida sexual de artistas –, perguntamo-nos se “... quando Freud diz que na sublimação a meta sexual se torna não sexual não estaria ele mesmo reduzindo seu próprio conceito do que é sexual?” (Castiel, 2006, p. 93). Insistimos aqui no entendimento do sexual no sentido ampliado. Afinal, a relação de uma mãe com seu recém-nascido nos mostra que, por mais afastada que uma relação seja da genitalidade, isso não implica ausência da sexualidade infantil, pelo contrário, essa relação está impregnada pelo sexual⁴. Ainda na contramão dessa aproximação entre dessexualização e genitalidade, Kameniak (citado em Soares e Coelho 2014) nos conta como Freud teria proposto o conceito de sublimação por meio das lembranças de Richard Sterba, psicanalista que frequentava a Sociedade Psicanalítica de Viena.

⁴ Freud parece falar de dessexualização no campo da arte/sublimação mais como uma tentativa de encontrar um campo livre do sexual. Entretanto, é justamente na análise do trabalho de Leonardo (Freud, 1910), talvez o texto que Freud mais se detenha sobre a sublimação, em que presenciamos um retorno da teoria da sedução, na fantasia do milhafre, que vem como que encobrir os beijos apaixonados da mãe.

Freud abriu a discussão nos contando como ele tinha chegado ao conceito de sublimação. Ele tinha lido no Harzreise de Heine a história de um jovem que, por maldade sádica própria da juventude, cortava a cauda de todos os cães que conseguia apanhar, sobre grande protesto da população das montanhas de Hartz. Esse mesmo jovem tornou-se mais tarde o famoso cirurgião Johann Friedrich Dienffenbach (1795-1847). Freud fez, então, o seguinte comentário: “Temos aqui alguém que fez a mesma coisa durante toda a sua vida, inicialmente por maldade sádica, em seguida para fazer o bem à humanidade. Eu pensei que seria correto chamar de sublimação essa mudança de sentido em uma determinada ação”. (Sterba, 1982 como citado em Kameniak, 2009, p. 505).

Neste exemplo, assim como no “homem dos lobos”, a tese da dessexualização parece se referir a uma sexualidade ampliada, um destino do sadismo como que afastado da meta; cortar caudas de cachorros transforma-se em cortar humanos durante uma cirurgia⁵. Soares e Coelho (2014) afirmam que podemos interpretar esse exemplo do cirurgião, tanto como erotização, quanto como dessexualização. Quer dizer, eles situam a dessexualização diante dos dois dualismos pulsionais – o que nos parece ser outra via de compreensão do problema. Se o sexual do primeiro dualismo parece ter a ver com uma vertente mais demoníaca da pulsão, a sexualidade infantil perverso-polimorfa que entra em conflito com a autoconservação, no segundo dualismo, as pulsões sexuais de vida entram em conflito com a pulsão de morte, ou seja, o campo do não sexual passa a ser a pulsão de morte. Essa relação dessexualizada seria regida pela autoconservação ou pela agressividade/destrutividade? É nesse sentido que Soares e Coelho (2014) parecem interpretar o exemplo do cirurgião, dessexualização na primeira teoria das pulsões (renúncia ao sadismo sublimada na medicina) e erotização no segundo dualismo “... (ligação da pulsão sádica, fazendo-a expressar-se no talento para medicina)” (Soares & Coelho, 2014, p. 597). Essa aparente mudança de estatuto da dessexualização, quando situada diante dos dualismos pulsionais, pode ser solucionada se compreendermos que “... a primeira teoria das pulsões continua virtualmente presente na segunda.” (Laplanche, 1999/2017, p. 40). No conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte, a autoconservação subsiste nas pulsões sexuais, o ser humano não luta pela sobrevivência da espécie, mas por amor ao seu eu. A pulsão de morte estaria mais do lado da pulsão sexual sem amarras, o sexual freudiano antigo (Laplanche, 1980/1989). Freud se

⁵ Mesmo nesse esquema clássico, de transformação do sadismo em talento para a medicina, não raro encontramos médicos que exercem seu sadismo nessa atividade, como no caso do cirurgião britânico que cauterizava as iniciais de seu nome nos órgãos de pacientes que operava (Sorokanich, 2013).

recusa a propor uma energia específica para a pulsão de morte, um *destrudo*, trata-se de uma única e mesma libido com modos de circulação diferentes, de um lado sexualidade em êxtase, ligada a representações, pulsão de vida, e, do outro, sexualidade livre, desligada, pulsão de morte (Laplanche, 1980/1989).

Nessa linha de interpretação, não vemos sentido falar da sublimação como dessexualização da pulsão, mas, sim, como “... a vitória do amor em estase, investido em objetos estáveis, sobre a instabilidade e a tendência para a descarga absoluta que caracteriza a libido ao nível das fantasias inconscientes” (Laplanche, 1980/1989, p. 116). Ou ainda como “... transferência ou transposição da energia sexual de morte em energia sexual de vida, como a domesticação ou ligação de uma pulsão em suas origens anárquica e destrutiva.” (Laplanche, 1999/2017, p. 40). Falar em ligação da energia livre, em vez de dessexualização da pulsão, parece estar em sintonia com o uso que Freud faz da noção de sublimação em seus casos clínicos. Pensarmos nessa transposição, como acarretando uma perda energética, talvez explique o porquê da intensidade de satisfação na sublimação ser amortecida (Freud, 1930), além de manter algo da sexualidade livre, que resiste à ligação.

Porém, esse entendimento implica compreensão muito específica da teoria das pulsões freudiana feita por Laplanche, o que nos faz perguntar em que medida não estamos apenas multiplicando soluções verbais, em vias de manter o conceito de sublimação. Não é nosso objetivo tencionar a definição freudiana de sublimação para desembocarmos numa definição de outro autor, mas, sim, trabalharmos o conceito de sublimação em Freud. Isso nos leva a um ponto que é sempre evocado para diferenciar a sublimação do sintoma ou formação reativa, que se refere à sublimação ser um destino da pulsão que não passa pelo recalque (Freud, 1910; 1915a).

Ao mesmo tempo em que o recalque tem uma faceta constitutiva, de separação tópica, ela também exige dispêndio de energia constante para manter o representante pulsional recalcado (Freud, 1915b). Antes de se efetuar essa separação tópica entre consciente e inconsciente, as defesas frente aos impulsos são efetuadas pela transformação no contrário e a reversão contra a própria pessoa (Freud, 1915b). Nota-se que, apesar da sublimação se diferenciar do recalque, ela surge como destino possível concomitante a este⁶. A representação pulsional é recalcada, pois, apesar de sua realização direta produzir prazer, isso

⁶ O fato de se diferenciar do recalque, ao mesmo tempo em que surge concomitante a este, favorece o entendimento de Freud da sublimação como dependente de certo talento ou disposições especiais (Freud, 1930). Isso pode ser interpretado por uma via essencialista, mas como uma vertente constitutiva da sublimação. No entanto, sabemos da possibilidade de uma sublimação tardia, que poderia ser produzida inclusive na clínica (Laplanche, 1980/1989).

se tornaria inconciliável com outras exigências, e as formações substitutivas seriam fruto do retorno do recaiado – exemplos desse retorno se encontram nos sintomas e nas formações reativas presentes nas neuroses de transferência (Freud, 1915b).

De saída, podemos nos perguntar qual a diferença das formações substitutivas e das sublimações? Por que a sublimação do sadismo pelo interesse militar, ou a transformação do sadismo em talento para medicina, deveria ser lido como sublimação, escapando ao recaiado, e não como formação substitutiva, fruto do retorno do recaiado? Retomando a citação “... ele primeiramente se havia protegido pela sublimação religiosa e da qual logo deveria se proteger, de modo ainda mais eficaz, pela sublimação militar” (Freud, 1918, p. 63), o que parece estar em jogo seria certo grau de sucesso da defesa contra a angústia. A sublimação funcionaria como que gerando menos sofrimento e conflito. É certo que temos sublimações profundamente apaziguadoras, como nos dão testemunhos diversos artistas. Mas suspeitamos que ela também possa ter efeitos mortíferos para o sujeito:

Nem todos os neuróticos possuem grande talento para a sublimação; de muitos podemos supor que não teriam adoecido, caso dispusessem da arte de sublimar seus instintos. Se os pressionamos demasiadamente para a sublimação e lhes tiramos as gratificações de instintos mais imediatas e cômodas, em geral lhes tornamos a vida ainda mais difícil do que eles a sentem. (Freud, 1912, p. 119).

Basta pensarmos na angústia que pós-graduandos enfrentam na escrita de suas teses e dissertações, ou mesmo no trágico destino de diversos artistas que cometeram autoextermínio para termos alguns indícios de como a sublimação poderia também incrementar essa angústia. Desse modo, por mais que Freud aponte que a sublimação é um mecanismo que se diferencia do recaiado, não se confundindo com seus derivados, temos certa dificuldade em conceber como podemos diferenciá-la em nossa prática clínica.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço esculturas para me livrar delas. (Giacometti, n.d. como citado em Laplanche, 1999/2017, p.48).

Procuramos defender que a sublimação não pode ser definida pelos seus objetos, como que num esquema tautológico: criação artística equivale à sublimação e a sublimação é o mecanismo responsável pela criação artística. Ou por um critério de valorização social externo à psicanálise, o que implicaria um campo normativo. Faltam também critérios metapsicológicos. A tese da dessexualização nos parece antifreudiana, e a diferenciação com

os produtos do recalque não é verificável na clínica. Retomamos a pergunta: a “... sublimação ainda é útil, utilizável, utilizada?” (Laplanche, 1999/2017, p. 35). Se a sublimação não nos parece útil, a noção certamente se faz presente, é utilizada em trabalhos de psicanálise aplicada que versem sobre algum artista (Falbo & Freire, 2009; Carvalho, 2010; Becker, 2016). Porém, sua presença não é tão proeminente em publicações que se refiram a casos clínicos. Tivemos dificuldade em encontrar artigos que abordassem casos clínicos e a sublimação em nossa pesquisa⁷. Cabe indagar se a referência à noção não se tornou uma reverência vaga, obrigatória, sem uma concepção metapsicológica clara e, portanto, não utilizável.

Ademais, é curioso que, seguindo a pista de Freud, os psicanalistas se esforcem para articular a criação artística à sublimação das pulsões, sobretudo se levarmos em consideração a dessexualização presente no processo sublimatório. Seguindo esse raciocínio, podemos considerar a sublimação ao lado da monotonia, como uma sobreadaptação do sujeito à cultura, repetição de formas burocráticas de simbolização que se impõem por ideais culturais. Ao passo que a criação artística guarda uma relação com o excesso, com o inédito, que rompe com as possibilidades sublimatórias oferecidas pela cultura (Adorno, 1951). O sexual não pode ser inteiramente domesticado, dessexualizado, sempre há um resto rebelde à sublimação, que não se submete a ela e talvez seja esse resto que coloque em marcha a criação artística. Portanto, se considerarmos a criação como aquilo que resiste ao movimento de dessexualização e a contrapormos à sublimação, teremos um terreno fecundo para pensarmos justamente um destino da pulsão que escape ao recalque, sem se confundir com seus derivados, e que permita simbolizações profundamente renovadas.

⁷ No único artigo encontrado, Lowenfeld (1941) discorre sobre a análise de uma artista e formula interessantes hipóteses a respeito da relação entre trauma e sublimação.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (1996). *Mínima Moralía: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1951)
- Becker, J. (2016). “Yo Soy La Desintegración”: Helplessness and sublimation through Frida Kahlo's History. *European Psychiatry*, 33(S1), S527-S528. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2016.01.1953>
- Campos, E. B. V., & Loffredo, A. M. (2019). A metapsicologia freudiana da sublimação. *Psicologia Em Estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.40557>
- Carvalho, A. C. (2006). Limites da Sublimação na Criação Literária. *Estudos de Psicanálise*, 29, 15-24.
- Carvalho, A. C. (2010). A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace. *Psicologia USP*, 21(3), 513-530. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000300004>
- Castiel, S. V. (2006). Implicações metapsicológicas e clínicas da conceituação da sublimação na obra de Freud. *Psico*, 37(1), 91-97. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1416>
- Falbo, G., & Freire, A. B. (2009). O corpo como objeto: considerações sobre o conceito de sublimação através da Arte Carnal de Orlan. *Aletheia*, 29, 190-203. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000100016&lng=pt&tlng=pt
- França Neto, O. (2007). *Freud e a sublimação: arte, ciência, amor e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *S. Obras Completas*, (vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). A repressão. In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras Completas* (vol.18, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2013). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *Obras Completas*, (vol.17, pp.186-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2015). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de infância. In S. Freud. *Obras Incompletas: arte literatura e os artistas* (pp. 69-166). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1910)

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 6, pp. 13-173). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905a)
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria [“o caso Dora”]. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 6, pp. 173-321). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905b)
- Freud, S. (2016). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”). In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 10, pp. 9-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2016). Recomendações ao médico que prática a psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 10, pp. 111-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2017). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras Incompletas: As pulsões e seus destinos*. (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (2018). Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 8, pp. 359-389). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2018). Análise da fobia de um garoto de cinco anos [“o pequeno Hans”]. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 8, pp. 123-284). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909a)
- Freud, S. (2019). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”]. In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 9, pp. 13-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909b)
- Freud, S. (2019). História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”). In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Trabalho original publicado em 1918)
- Lagache, D. (1984) La psychanalyse comme sublimation In D. Lagache, *Oeuvres V (1962-1964): de la fantaisie à la sublimation* (pp. 191-225). Paris: PUF.
- Lage, Y. R. (2008). *Sublimação e idealização: os destinos de um conflito*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/TMCB-7WTQNO>
- Laplanche, J. (1989). *Problemáticas III: A sublimação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980)
- Laplanche, J. (1988). É preciso queimar Melanie Klein? In J. Laplanche, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (pp. 50-59). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (2017). Sublimação e/ou inspiração. *Revista Percurso*, 56/57, 35-52. (Trabalho original publicado em 1999)
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1999). *Vocabulário da psicanálise* (Trad P. Tamem). São Paulo: Martins Fontes.
- Lowenfeld, H. (1941). Psychic trauma and productive experience in the artist. *The Psychoanalytic Quarterly*, 10:1, 116-130. <https://doi.org/10.1080/21674086.1941.11925451>
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mendes, E. R. P. (2011). Pulsão e sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. *Reverso*, 62, (55-68).
- Metzger, C., & Silva Junior, N. da. (2010). Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional. *Psicologia USP*, 21(3), 567-583. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300007>
- Piglia, R. (2004). Os sujeitos trágicos (literatura e psicanálise). In R. Piglia, *Formas breves* (pp. 12-27). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rivera, T. (2005). *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rocha, G. M. (2010). *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo].
- Simões, M. (2017, 25 de julho). Após censura, “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu” será encenado nesta sexta. *Diário de Pernambuco*. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/07/espetaculo-o-evangelho-segundo-jesus-rainha-do-ceu-sera-apresentado-n.html>
- Soares, M. S., & Coelho, D. M. (2014). Sobre o uso da sublimação como instrumento para uma “metapsicologia da arte”. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(spe), 593-606. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1321>
- Sorokanich (2013, 25 de dezembro). Médico Britânico colocou suas iniciais no fígado do paciente. *UOL*. <https://gizmodo.uol.com.br/medico-escreve-iniciais-figado-paciente>

3 TRANSFERÊNCIA E SUBLIMAÇÃO NA OBRA DE JEAN LAPLANCHE

Resumo

Neste trabalho, temos por objetivo “fazer trabalhar” as noções de sublimação e inspiração presentes na obra de Jean Laplanche, articulando-as aos desdobramentos teórico-clínicos do autor sobre a transferência. Nesse percurso, retomamos a teoria da sedução generalizada, a teoria das pulsões de Laplanche, os conceitos de transferência da transferência, transcendência da transferência e inspiração. Propomos um espectro da inspiração, ampliando essa noção para fora das paredes da tina analítica e oferecendo um modelo que permita pensar matizes da sublimação.

Palavras-Chave: Inspiração. Sublimação. Transferência. Laplanche.

Abstract

In this work, we aim to 'make work' the notions of sublimation and inspiration present in Jean Laplanche's work, articulating them to the author's theoretical-clinical developments on transference. In this way, we return to the theory of generalized seduction, the theory of drives, the concepts of transference of transference, transcendence of transference and inspiration. We propose a spectrum of inspiration, expanding this notion outside the walls of the analytical vat and offering a model that allows us to think about sublimation nuances.

Keywords: Inspiration. Sublimation. Transference. Laplanche.

3.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é articular as noções de sublimação e inspiração aos principais desdobramentos teórico-clínicos de Laplanche sobre a transferência: as noções de transcendência da transferência e de transferência da transferência.

Quais os critérios para se dizer “isto é análise”, ou “isto não é análise”? O que há de específico na situação analítica? Haveria alguma relação inter-humana com caráter especificamente analítico? Para respondermos a essas perguntas, não adiantaria evocar certos conceitos, como *setting*, interpretação, transferência, uma vez que as relações de fala, as transferências e as interpretações estão fora da análise e historicamente antes da análise. (Laplanche, 1987/1993).

Há um esforço na teorização de Jean Laplanche para costurar a metapsicologia e a clínica, de maneira que esses elementos não poderiam ser tomados como separados. Não

haveria uma pura-observação clínica, a qual seria seguida de construções teóricas que validassem as intervenções realizadas, e nem mesmo uma mera aplicação técnica de certas concepções teóricas adaptadas à individualidade do caso a caso. Na constituição mesma de certo espaço-analítico, materializa-se uma concepção de homem e de como ele se constitui. O inovador da análise é o seu método, e esse método, bem como sua transposição em técnica analítica, que está intimamente conectado a uma concepção do que seria a constituição do psiquismo e de certa teoria das pulsões. (Laplanche, 1987/1993).

3.2 UMA TEORIA DAS PULSÕES

Laplanche interpreta os dois dualismos pulsionais de Freud (pulsões de autoconservação em conflito com as pulsões sexuais e pulsões de vida em conflito com as pulsões de morte) não necessariamente como uma ruptura, sendo a virada de 1920 (Freud, 1920) uma substituição da primeira teoria das pulsões, mas em continuidade. Para o autor, “... a primeira teoria das pulsões continua virtualmente presente na segunda.” (Laplanche, 1999/2017, p. 40).

De um lado, teríamos a autoconservação, regida pelo princípio da homeostase, cuja meta é o apaziguamento da tensão realizando uma necessidade. Quer dizer, podemos nos perguntar se, no caso da autoconservação, tratar-se-ia de uma pulsão, uma vez que seus objetos são mais ou menos fixos e visam realizar uma necessidade. De outro lado, teríamos a sexualidade subdividida em pulsões sexuais de vida e pulsões sexuais de morte⁸, cuja meta seria a descarga de tensão ao nível zero e teria como energia a libido, em dois modos de circulação, energia ligada, em estase, e energia desligada, em livre circulação. (Laplanche, 1980/1989).

A sexualidade teria uma relação de derivação com a autoconservação. Ela se *apoiar* em sua gênese, nos interesses autoconservativos. Tomemos a oralidade como exemplo: do lado autoconservativo, o bebê sente o desprazer da fome, chora e reestabelece o equilíbrio pela saciedade do leite, oferecido por um outro. Apoiando-se nessa necessidade vital e pelos cuidados ofertados por esse outro, surge aí um prazer que vai além da saciedade, não é mais o sugar, mas o chupar, rítmico, repetitivo, que será reencontrado depois no próprio corpo, no ato de chupar o dedo, sem finalidade do ponto de vista da meta, a fonte e o objeto se confundem.

⁸ Laplanche entende a pulsão de morte como sexual, certa continuidade com o demoníaco da pulsão sexual da primeira teoria das pulsões freudiana, que é domesticado/apagado com a concepção de Eros.

O modo de funcionamento sexual, em sua origem, apoia-se em funções autoconservativas e se deriva delas, ou seja, a linha de tangência entre os dois é o apoio. Nessa tangência, “... há produção ou reprodução do sexual. Produção do sexual a partir dos acontecimentos ou processos situados na infância, mas igualmente produção ou desencadeamento do sexual a partir da vida diurna, em se tratando do modelo do sonho” (Laplanche, 1987/1993, p. 131-130).

Entender essa divisão na clínica é fundamental, pois o psicanalista pode tomar os comportamentos mais autoconservativos, por seu valor sexual, não reduzindo, assim, como afirma Laplanche, por exemplo, uma discussão sobre o atraso à sessão a um debate sobre os horários do trem (Laplanche, 1987/1992). Antes de avançarmos na discussão sobre a transferência em Laplanche, cabe retomarmos a teoria da sedução generalizada.

3.3 CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO

Em seu percurso, Laplanche busca retomar a teoria psicanalítica em sua radicalidade copernicana⁹, utilizando o método psicanalítico – atenção equiflutuante e equidistante de todos os elementos do discurso. Após um expurgo dos recursos biológicos, filogenéticos e mitológicos utilizados por Freud, Laplanche busca um ponto de partida essencial na alvorada da nossa existência, a situação antropológica fundamental. Ao nascer, o bebê se encontra em uma situação de extremo desamparo, convocando, necessariamente, presença implicada de uma alteridade em seus momentos mais primitivos, para que a sua constituição se dê de forma continuada e bem-sucedida. (Laplanche, 1987/1992).

Esses cuidados fundamentais, tão necessários para a sobrevivência do pequeno indivíduo biopsíquico, vêm, necessariamente, de um adulto, já atravessado por fantasias e desejos inconscientes. Ou seja, no cuidado geral endereçado à criança, o adulto, inconscientemente, veicula mensagens sexuais enigmáticas que exigem da criança um trabalho de apropriação e tradução. Nessa situação antropológica fundamental, a criança ainda não possui um aparato de tradução, isto é, um eu capaz de metabolizar o que lhe é endereçado por parte do outro. Aos poucos, no entanto, via processos identificatórios complexos (Ribeiro,

⁹ Os termos ptolomaico e copernicano são utilizados por Laplanche no texto *A revolução copernicana inacabada*, que foi publicado em 1992/1993, como metáfora para falar da teoria psicanalítica e também da constituição do eu. O primeiro se refere ao modelo geocêntrico, enquanto o segundo ao modelo heliocêntrico. Se em um modelo temos o homem como centro do mundo, no outro, ele se encontra não mais no centro, mas orbitando o Sol. Retomar a teoria psicanalítica em radicalidade copernicana, então, significa dar primazia à alteridade na constituição psíquica. Em que o Eu estaria não mais no centro, mas orbitando essa alteridade interior de origem exógena.

2000), o Eu da criança vai se constituindo e um processo de cisão começa a acontecer. De um lado, permanecem os conteúdos das mensagens que conseguiram ser integrados e traduzidos; de outro, os restos de mensagens não traduzidas. A primeira parte forma o eu; a segunda, o isso. A separação radical entre esses dois campos é um processo constitutivo, o recalçamento originário. (Laplanche, 1987/1992).

Gostaria de destacar pelo menos dois aspectos importantes da teoria da sedução generalizada:

- 1) o aspecto tradutivo: o bebê, em sua situação de passividade radical que necessita de cuidado, é bombardeado por mensagens enigmáticas do adulto, que ele precisa traduzir, sempre com o aporte do adulto cuidador e códigos culturais. A categoria de mensagem desloca a tônica de um inconsciente estruturado como uma linguagem, que teria como conteúdo significantes verbais “... podemos pensar que os significantes verbais, no inconsciente, extraído da situação de comunicação enigmática que foram percebidos na infância, não possuem neles próprios nenhum primado em relação a outros significantes, a elementos da comunicação não-verbal.” (Laplanche, 1987/1993, p. 100).
- 2) o aspecto tópico: a formação do inconsciente e a separação da tópica se dão pelo processo de recalçamento originário, há sempre algo que se perde na tradução da mensagem enigmática do outro. O núcleo duro do inconsciente, então, não é da ordem biológica, mas do enigma, constituído pelo outro, a partir dessa alteridade radical e atacante.

3.4 O MÉTODO EM CONTINUIDADE COM A TEORIA

Em 1923, Freud reafirmou o caráter extraordinário de seu método, que, inicialmente, definiu o que é psicanálise, sendo a clínica e a teoria suas implicações.

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923, p. 136).

Laplanche (2007/2015) considera que esse procedimento de investigação, o método psicanalítico, seria a grande invenção freudiana, que surge para dar conta desse outro domínio da realidade, mais ou menos inacessível de outros modos. Não seria um mero acaso que Freud

(já em 1923) o coloca em primeiro lugar em sua definição, pois é por meio do método psicanalítico que conseguimos, por um lado, vencer as resistências que impedem o acesso ao material reprimido e, por outro lado, desfazer as formações de compromisso. Isso permite que elementos inconscientes possam ser apreendidos e que algo da energia que estava ligada possa ser liberado, permitindo novas sínteses. “O método é, pois, associativo-dissociativo e visa vencer barreiras defensivas para liberar o elemento recalcado dessa construção patológica do sintoma, a fim de que ele possa dar lugar a novas construções, menos sintomáticas” (Tarelho, 2017, p. 38).

O método, atuaria, então, em duas direções diferentes, que encontram sua correspondência na teoria das pulsões de Laplanche. Por um lado, temos a análise propriamente dita: que atuaria como a pulsão sexual de morte, desconstruindo, desfazendo, desligando certas sínteses egoicas (Laplanche, 1993). Por outro lado, há o trabalho de síntese, produção de novas traduções, simbolizações e ligações, trabalho da pulsão sexual de vida, desempenhado pelo Eu do analisando (Laplanche, 1993).

Laplanche (1993) propõe três funções ao analista: analista como garantidor da constância; analista como piloto do método; e analista como guardião do enigma e provocador de transferência. As duas primeiras funções estão imbricadas. O método tem uma finalidade de decomposição, dissolução do eu, e sua pilotagem se refere às regras obedecidas, aquelas referentes ao processo primário. O analista seria aquele que põe em marcha um desligamento, sendo a pulsão sexual de morte o modelo do ato propriamente analítico. Em contrapartida a esse desligamento, o analista se oferece como presença constante, como garantidor da constância. Laplanche (1987/1993) usa diversas metáforas para explicar essa constância, dentre elas, a de um ciclotron, em que há intensas circulação e concentração energética contidas no interior do aparelho, impedindo uma catástrofe. A função de constância se mostra análoga às paredes desse aparelho, que impedem que a energia escape. Isso porque há autoconservação, ainda que periférica, de maneira que a análise e a dissolução se tornam possíveis. A terceira função, analista como guardião do enigma e provocador de transferência, refere-se aos recusamentos do analista que trabalharemos na sessão sobre transferência. Nesse sentido, por manter sua própria alteridade interna, o analista instaura a alteridade na transferência, provocando-a.

Podemos pensar na etimologia da palavra *trauma*, do grego *ferida* (Laplanche, 1986). O trabalho do analista é renovar o “... traumatismo da terapia” (Laplanche, 1993, p. 97), reabrindo essa ferida em direção ao enigma. Ao eu do analisando cabe o papel de cicatrização dessa ferida, movimento ptolomaico. Para que esse trabalho de desligamento, imposto pelo

método, dizer tudo que se vem à cabeça, sem omitir nada, sem se preocupar com a coerência, seja suportável, é necessário um lugar, uma situação específica, marcada por uma constância temporal, ambiental “... É porque há manutenção, na periferia, do princípio de constância, de uma homeostase, de uma *Bindung*, que o desligamento analítico é possível” (Laplanche, 1993, p. 80). Essa situação específica é marcada por uma assimetria de base. É o analisando quem padece e busca ajuda para se livrar de um sofrimento, dirigindo-se ao analista, em quem supõe um saber que possa ajudá-lo. (Laplanche, 1987/1993). Para Laplanche (1987/1993), a situação analítica e a transferência por ela engendrada resultam na reabertura da situação antropológica fundamental. Reabertura, pois, a constituição da tópica se dá por um fechamento. Percebemos esse entrelaçamento entre teoria e clínica, sobre o qual falávamos anteriormente. Na situação analítica, materializa-se certo entendimento: 1) da teoria das pulsões, essa continuidade esboça, anteriormente, o método e as intervenções do analista ao lado da pulsão sexual de morte e das traduções e sínteses do analisando, ao lado da pulsão sexual de vida; e 2) da constituição do aparelho psíquico, a situação analítica em continuidade com a teoria da sedução generalizada e a oferta de análise, reabrindo a situação antropológica fundamental.

3.5 AS TRANSFERÊNCIAS EM LAPLANCHE

Laplanche (1987/1993) afirma que, para Freud, a transferência seria um fenômeno típico dos neuróticos e entende que não poderíamos reduzir o essencial da transferência a uma disposição à neurose do analisando (Laplanche, 1987/1993). Esse divórcio entre transferência e neurose vai ser operado, segundo Laplanche (1987/1993), por Daniel Lagache e Ida Macalpine, utilizando diferentes caminhos. Lagache generaliza o fenômeno transferencial, considerando que, em todas as condutas humanas, temos algum tipo de transferência de hábitos antigos. “Um homem que não repetisse, isto é, que não tivesse aprendido, é inconcebível”. (Laplanche, 1987/1993, p. 6). Essa espécie de transferência psicológica, ordinária, estaria presente em toda parte. O que a diferenciaria essa transferência psicológica daquela que pega Freud de surpresa no caso Dora? (Freud, 1905b). Voltaremos a essa questão mais adiante. Ida Macalpine vai um pouco além, ao afirmar que a situação analítica é produtora de transferência, de modo que o meio seria infantilizante, irrealizante e indutor de regressão; a autora apoia seus argumentos em elementos formais do *setting* posição horizontal, relaxamento, constância, tipo de discurso solicitado ao analisante, entre outros.

Laplanche caminha em conjunto com esses autores até certo ponto: a situação *produz e é ela mesma transferência* (Laplanche, 1987/1993; 1993). No entanto, o que na situação a produz não seriam somente esses elementos infantilizantes, que favorecem à regressão, mas as recusas (e aqui Laplanche, às vezes, utiliza o termo recusamentos) do analista. Por um lado, teríamos uma recusa de rebaixar o sexual ao plano adaptativo, se o analisando interpela o analista por diversas vezes: o que eu devo fazer? Como eu posso resolver essa situação? O que é que eu tenho? O analista não intervém no real, não dá conselhos, não responde a essas demandas, ele não acredita que, por exemplo, certa maneira de lidar com as finanças, por parte de um paciente que se endivida constantemente, vai ser resolvida com um manual de gestão financeira. Por outro lado, temos uma recusa de saber, que deve ser situada em ressonância aos recusamentos do mundo adulto em relação à criança. (Laplanche, 1987/1993).

Num nível mais profundo, há o recusamento estrutural de fornecer o código dessas mensagens eróticas, e isso simplesmente porque esse código é incomunicável, o prazer sexual adulto – digamos, por exemplo, o prazer do seio – não tem seu abonador na criança. E depois há um recusamento “objetivo” ainda mais profundo, que é o fato de o adulto mesmo estar numa relação de ignorância com seu próprio inconsciente, ainda que não se possa falar do inconsciente como de um código. Eu diria que o pai ou a mãe são, para a criança, ao invés de um suposto saber, um *suposto significar*. Há uma *transferência originária na infância*, a mesma que culmina nesse produto marginal que é a sexualidade, e a transferência analítica deveria ser concebida *não como um decalque*, mas como uma *retomada desse processo* de transferência originária. (Laplanche, 1987/1993, p. 256-257, grifos no original).

O analista também possui inconsciente. Ele se recusa a saber e pré-saber, mas mantém essa dimensão da alteridade interior, é essa manutenção que permite instaurar a alteridade também na transferência (Laplanche, 1993).

Se esses elementos da recusa, em conjunto com a situação, instauram a transferência analítica (para além da transferência psicológica) e se a análise recoloca em jogo, reabre essa transferência originária, de maneira que não poderia ser seu destino liquidar esse movimento. Quer dizer, Laplanche (1993) vai se opor à ideia de que, ao fim de um tratamento, teríamos uma dissolução da transferência. Ele brinca com a ideia comparando a um divã com manivela, passaríamos, de três a uma sessão, depois sessões quinzenais, mensais, e o paciente passando da posição deitada, para a posição face a face, para, assim, encerrar a análise. Para o autor, dissolver a transferência, seria serrar o galho sobre o qual estamos sentados (Laplanche, 1993). Qual seria, então, o destino da transferência ao fim de um processo analítico? Ela não

teria outro destino possível senão ser ela própria transferida para fora do tratamento. É aquilo que Laplanche (1993) denomina como transferência da transferência. Retomaremos essa noção adiante, na seção sobre a inspiração.

Em elaborações posteriores de Laplanche, essa noção de transferência originária/analítica vai se complexificar com os conceitos de transferência em pleno e transferência em oco. “Tanto a transferência em pleno quanto em oco se instauram num oco. A neutralidade do analista é um aspecto desse oco” (Laplanche, 1987/1992, p. 171). Para além desse aspecto da neutralidade, esse oco é instaurado pelo analista pela sua recusa de saber. E nesse oco ou vazio (variando conforme a tradução) pode se instalar um pleno ou um oco: “Um pleno, é a repetição positiva dos comportamentos, das relações, das imagos infantis. Um oco é também uma repetição, mas onde a relação infantil repetida reencontra seu caráter enigmático e onde as imagos não estão mais totalmente plenas.” (Laplanche, 1987/1992, p. 171). Trata-se aqui não de algo da ordem de um *habitus*, de padrões de comportamento como generaliza Lagache, mas de restos significantes dessignificados, algo que passou pelo processo de metábole e, portanto, que não corresponde às imagos ou apreensão das imagos, mas traços parciais do objeto. Essas duas modalidades de transferência coexistem: se existisse somente a transferência em pleno, aquela descrita por Freud, nada permitiria sair desse pleno e aqui a interpretação do analista assumiria o caráter de denegação:

... quem não pronunciou, sob forma eventualmente mais sofisticada, ou quem não foi pelo menos tentado a pronunciar algo tão estúpido quanto: “não sou sua mãe” ou “não sou quem você acha”? A recusar, portanto, em nome da realidade, fenômenos que nos fossem destinados: marcas de transferência? (Laplanche, 1987/1993, p. 18).

Ou seja, “você me toma por um outro, mas não sou esse outro”, enquanto na transferência em oco é a manutenção a dimensão de alteridade interior, recolocação em jogo das mensagens enigmáticas da infância, que vai permitir que a alteridade seja instaurada na transferência (Laplanche, 1987/1992; 1993). Laplanche sugere outra interpretação que não tem o caráter denegação “Analista: sim, você pode me tomar por um outro porque eu não sou quem acredito ser, porque respeito e mantenho o outro em mim” (Laplanche, 1993, p. 80).

A ideia de uma transcendência da transferência pode ser entendida como algo que ao mesmo tempo *é* e *está além* da transferência em pleno (ou ordinária), essa que todas relações humanas comportam. Explicitemos melhor: *é transferência em pleno*, pois as relações com objetos reais ou imaginários transportam algo do infantil de um lugar a outro, e *está além* da transferência pleno, porque somente lugares privilegiados comportam uma abertura à alteridade, tais como, a cultura e a situação analítica. Se o processo de constituição do sujeito

se dá por um “... duplo fechamento” (Laplanche, 1993, p. 80), por meio da tradução da mensagem do outro e também pelo intraduzível e não metabolizável dessa mensagem, não só o analisando, mas o próprio analista traz essa marca, esse furo ou *oco* do outro interno. Seria no nível desse *oco* que a transferência seria privilegiada. Assim, é preciso pensar a transferência para além de uma mera repetição de relações amorosas anteriores (o que Laplanche designa como transferência em pleno) para colocar em relevo o aparecimento do caráter enigmático.

3.6 SUBLIMAÇÃO E INSPIRAÇÃO EM LAPLANCHE

Em Freud, a noção de sublimação vai ser entendida como um destino da pulsão que não passa pelo recalque, em que haveria uma dessexualização da pulsão e esta passaria a visar objetos socialmente valorizados (Freud, 1905a; 1905b; 1908a; 1908b; 1910; 1914; 1915). Laplanche vai ter um entendimento da noção de sublimação baseada na interpretação dos dualismos pulsionais freudianos, bem como na sua teoria da sedução generalizada. Para o autor, a sublimação seria mais adequadamente descrita como uma “... transferência ou transposição da energia sexual de morte em energia sexual de vida, como a domesticação ou ligação de uma pulsão em suas origens anárquica e destrutiva” (Laplanche, 1999/2017, p. 43). A sublimação, assim, é associada à própria noção de simbolização, ou de ligação: “Não vejo como se poderia distinguir da sublimação esta progressão de Eros em cada existência individual, principalmente por meio da simbolização. Ela é a própria sublimação, como integração das metas sexuais anárquicas numa perspectiva ‘socialmente valorizada’” (Laplanche, 1999/2017, p. 45).

Para Laplanche, o psiquismo se ocupa, desde os primórdios de sua constituição, de transformar algo da experiência centrípeta (outro → eu) em ação do eu. Na sublimação, teríamos um vetor centrífugo, é o Eu que sublima, que liga, uma perspectiva ptolomaica. Então, seria preciso repensar a noção de sublimação, pois tanto em Freud, quanto em Klein continua sendo uma “... construção ptolomaica antes de mais nada, secundária, destinada a domesticar a condição de estrangeira da relação com o outro.” (Laplanche, 1998, p.101).

Conviria então, valorizar a noção de inspiração que pressente o “... caráter copernicano da criação cultural. Parece-nos que a prática instaurada por Freud trouxe novidade não no conceito de sublimação, mas na própria sublimação, introduzindo aí sua revolução copernicana.” (Laplanche, 1998, p. 101). A noção de inspiração mantém essa dimensão essencial da alteridade, ou seja, não se trata de um vetor centrífugo, dirigido do sujeito em

direção ao objeto. Mas um vetor centrípeto, vindo do outro. “E tudo o que o sujeito pode fazer é ficar aberto ao trauma e pelo trauma...” (Laplanche, 1999/2017, p. 49), que “... não é adquirido nem aberto de uma vez por todas: ocorre por eclipses.” (Laplanche, 1999/2017, p. 49).

O campo da análise é o campo do sexual ampliado, em tudo que se ocupa a psicanálise. Aí não diferenciamos a aplicação à clínica da aplicação à cultura, há um sentido sexual a encontrar. Um sexual ampliado, referido à sexualidade infantil, que não se confunde com a sexualidade genital ou adulta, ou mesmo com as sexualidades descobertas por Freud, anal, oral, orificial. Pode haver no limite sexualidade de tudo e em toda parte. (Laplanche, 1987/1993). Dois adendos se fazem necessários aqui: 1) “Seja onde for, nas atividades humanas, pode surgir a sexualidade, mas esse surgimento está ligado a condições bem particulares que são, no sentido mais amplo do termo as que podemos designar como *traumáticas*.” (Laplanche, 1987/1993, p. 123, grifo no original); e 2) se o sexual for somente uma chave de leitura, por que a escolheríamos em vez de outras, como a da luta de classes? A menos que admitíssemos que existam lugares privilegiados de *produção do sexual*, como a infância, o tratamento e certos fenômenos culturais. (Laplanche, 1987/1993, p. 126). A partir disso, retomando a ideia de transferência da transferência, nos perguntamos: “Existiriam elementos de transferência, definidos pelo infantil, pelo sexual pelo inconsciente – em outros lugares? Quais suas especificidades, defasagens, mas também concordâncias em relação à situação analítica.” (Laplanche, 1987/1993, p. 229). Precisamos encontrar um “... parentesco entre o que há de mais específico na análise e o que se produz, não em toda parte, mas em lugares privilegiados que existem independente dela” (Laplanche, 1993, p. 77). Ao compreendermos que o essencial da dimensão de transferência seria essa relação com o enigma do outro, os lugares privilegiados de verdadeira produção do sexual devem ser situados na “... relação multipolar ao cultural, à criação ou, mais precisamente, a mensagem cultural” (Laplanche, 1993, p. 77).

A noção de inspiração estaria intimamente conectada com a ideia de transferência da transferência, já que ambas apontam para “... o caráter invariavelmente inacabado até mesmo do processo de análise mais bem-sucedido, uma abertura sustentável ao enigma e sua transposição para fora da situação analítica, em direção a outros campos de alteridade” (Ribeiro et al., 2019, p. 333). A dimensão de transferência liberada do aspecto puramente projetivo (pleno) aparece em sua verdade como transferência em oco, repetição dessa relação com o outro como emissor de enigmas.

Em determinados casos essa abertura – essa brecha – da transferência pode, por sua vez, estar transferida fora da terapia, numa relação de endereçamento ao outro e de vulnerabilidade pela inspiração do outro que é própria dos criadores, qualquer que seja seu território de criação. (Laplanche, 1998, p. 99).

O analisando, saindo do tratamento e se submetendo a novas gravitações em torno do enigma, encontraria nesses lugares privilegiados de transferência a presença da análise em expansão (Laplanche, 1993). A análise então não secaria a inspiração, mas a suscitaria. (Laplanche, 1999/2017). Podemos interpretar, inclusive, como o fazem Ribeiro et al. (2019), que a inspiração, tal como descrita por Laplanche, tratar-se-ia de um produto e um objetivo da análise. A psicanálise promoveria uma nova forma de sublimação, que não havia sido produzida antes na história da humanidade. E essa sublimação especial se aproxima ou coincide com o estado da inspiração, de receptividade ao enigma do outro.

Acreditamos, porém, que há outras interpretações que permitem *fazer trabalhar* a noção de inspiração. Essa noção parece vir em respostas a, pelo menos, três exigências teóricas no pensamento de Laplanche: 1) o fim de análise seria somente mais uma dentre várias traduções? Uma tradução menos rígida, que causa menos sofrimento? 2) Como podemos entender o movimento de sublimação para além de uma perspectiva ptolomaica, em que ele se inscreveria no movimento mais geral de simbolização e tradução? 3) Será que no tratamento e fora dele encontraríamos a produção “novo”, não somente ressurgimentos, mas produção do sexual?

Com a inspiração, teríamos 1) uma proposta de fim de análise que mantém a dimensão de transferência em oco realocada para outros lugares da cultura, em que o sujeito continuaria a *gravitar* em torno do enigma, mantendo-se aberto a essa dimensão essencial da alteridade interna e produzindo novas traduções; 2) uma concepção de sublimação que coloca o outro em destaque, inversão dos vetores, não mais do eu em direção ao outro, mas do outro em direção ao eu, concepção que se inscreve em continuidade com a revolução copernicana operada por Freud; e 3) estes lugares privilegiados – a infância, o tratamento e o cultural – teriam o potencial de produção do sexual, que, por sua vez, estaria ligada a condições traumáticas, essa efração energética que rompe com a capacidade de contenção do aparelho psíquico.

Partindo dessas exigências teóricas do pensamento de Laplanche, se a inspiração tem ligação com o trauma, com essa abertura para o enigma do outro atacante interno, se ela ocorre por eclipses, como diz Laplanche (1993), perguntamo-nos se ela seria restrita a algo produzido ao fim de uma análise. Pensemos juntos, a inspiração aparece como essa

capacidade de sustentar um movimento de abertura à alteridade interna que vem nos surpreender. Será que esse movimento aconteceria também fora da tina analítica? A partir de situações traumáticas que *produzem* o sexual, ou de relações que comportam uma transferência em oco? Acreditamos que Laplanche dá pistas que suportam nossa hipótese¹⁰, quando se refere à relação com o cultural como um lugar em que estaria presente a “análise em expansão” (Laplanche, 1993, p. 82), ou mesmo quando se refere ao cultural como um “... endereçamento a um outro fora de alcance, a outros ‘esparsos no futuro’, diz o poeta” (Laplanche, 1993, p. 78). Browning (2018) parece interpretar a inspiração numa direção semelhante, ao afirmar que

Renovar ou reativar processos sublimatórios mais tarde na vida, por exemplo, em uma psicanálise, ou em uma crise na morte de outrem, novamente envolve gatilhos externos, situações que evocam reminiscências do passado e os fragmentos recalcados não-traduzidos do enigma originário do outro. Laplanche se refere a esse processo de ativação, provocação externos como inspiração... Laplanche afirma que a inspiração é instigada tanto no passado quanto no presente, de fora, com o adulto recipiente – assim como a criança originária – em uma posição passiva (receptiva). (Browning, 2018. p. 581, tradução livre)¹¹.

Ou seja, o processo de inspiração é provocado por situações que podemos designar amplamente como traumáticas que engendra um processo de simbolização/tradução. A autora se apoia nessa concepção para analisar a prolífica produção do artista Hans Reichel, que sobreviveu aos campos de concentração durante a segunda guerra, e aproxima as ideias de trauma, neogênese e inspiração:

Essa nova energia, provocada por um novo “agulhão” constitui uma neogênese da pulsão e inspira esforços renovados no trabalho de tradução, simbolização, sublimação. A inspiração cria uma renovação da pulsão através de “choques”

¹⁰ Wyatt (2019) parece interpretar a noção de inspiração numa dimensão semelhante, ao afirmar que “Em outras palavras, uma mensagem transmitida pela cultura, se for enigmática, pode reviver a resposta originária ao significante enigmático parental, no leitor ou espectador” (p. 201). Tradução livre para: “In other words, a message delivered by the culture, if it is enigmatic, can revive in the spectator or reader the original response to the parental enigmatic signifier.”

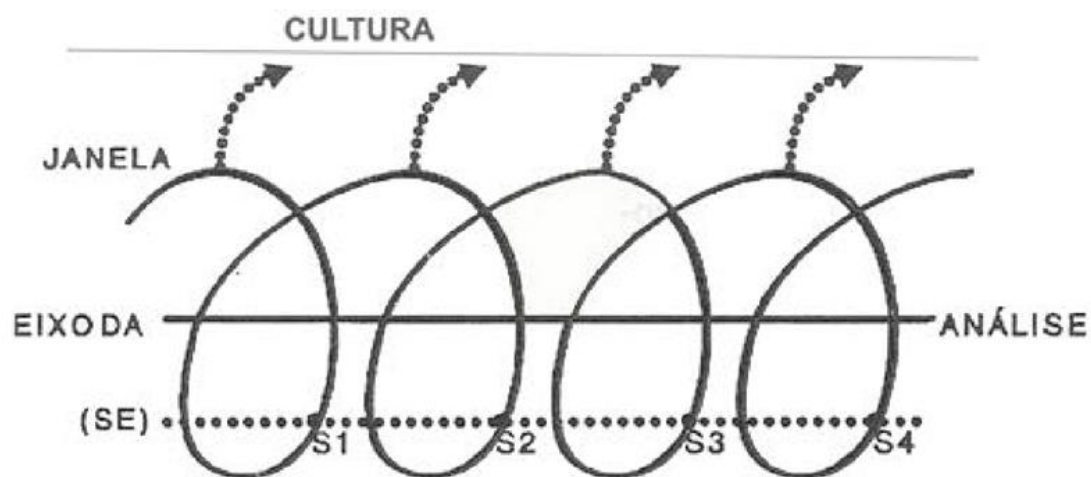
¹¹ Tradução livre para: “Renewing or re-activating sublimatory processes later in life, for example, in psychoanalysis or in the crisis of another’s death, again involves external triggers, situations evoking reminiscences from the past and the untranslated repressed fragments of originary enigmatic other(s). Laplanche refers to this external, activating, provoking process as inspiration.(...) Laplanche asserts that inspiration is instigated, both then and now, from outside, with the adult recipient – like the originary child – in a passive (receptive) position.”

externos, rupturas, surpresas ou o novo, reevocando o trauma do enigma, abrindo caminho para a simbolização. (Browning, 2018. p. 581, tradução livre)¹².

Por mais que a análise bem conduzida tenha como resultado um sujeito que consegue se manter aberto para a alteridade interna, não temos muitas indicações, por parte de Laplanche, de como isso se produziria na clínica. Temos muito claro o que não fazer, como as indicações proibitivas semelhantes às de Freud nos textos sobre a técnica, mas não sobre como a inspiração se produziria. Parece-nos plausível supor que algo desse movimento aconteça historicamente antes da invenção da psicanálise, e mesmo fora da tina analítica. Com o risco de nos apegarmos demais aos esquemas, propomos a seguinte leitura da espiral de análise:

Figura 1

A espiral da análise



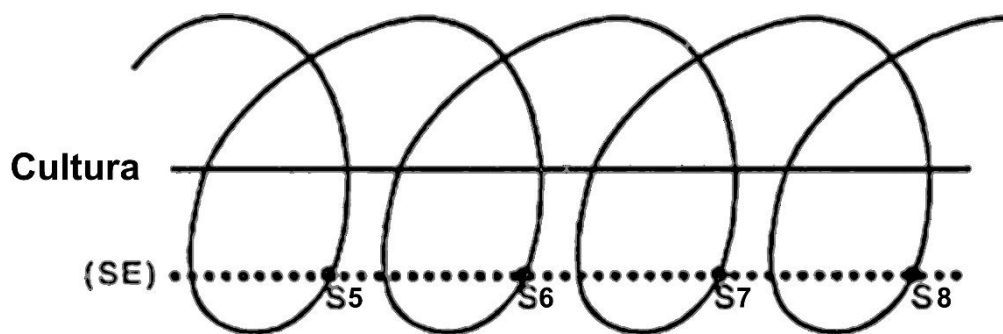
Como a transferência tem um caráter de espiral, o autor propõe “... janelas temporais” (Laplanche, 1993, p. 82), em que possa se decidir pelo término da análise. Ao perdermos o *timing*, é necessário aguardar até que ela se abra novamente, esperar algo exterior à situação *fazer sinal* como local de confrontação do enigma (Laplanche, 1987/1992). A respeito dessa espiral, lembremos que não se trata de pura repetição, mas de retradução, elaboração dos mesmos temas e significantes enigmáticos (SE), com uma língua modificada, enriquecida (S1, S2, S3, S4...). Inserimos nos dois esquemas condensados a linha acima designada por

¹² Tradução livre para: “This new energy, provoked by a new “sting” constitutes a neo-genesis of drive and inspires renewed efforts in the work of translation, symbolization, sublimation... Inspiration creates a renewal of drive through external “shocks,” disruptions, surprises, or the new, re-evoking the trauma of the enigma, opening the way for symbolization.”

cultura. Laplanche (1998) afirma que as saídas da análise equivalem a saídas por janelas orbitais. Tais janelas conduzem o sujeito a transferir a transferência para a cultura. Ou seja, as setas no esquema indicam o movimento descrito por Laplanche como transferência da transferência. Gostaríamos de destacar que as espirais representam esse movimento de gravitação em torno da alteridade interna. No caso da análise, esse movimento é provocado pelas intervenções desligantes do analista, que, como expomos anteriormente, atuam ao lado da pulsão sexual de morte, renovam o traumatismo da terapia e reabrem a situação originária. É claro que, no contexto de análise, isso acontece dentro de um ambiente de contenção. No caso da inspiração, podemos redesenhar o esquema de maneira semelhante.

Figura 2

Movimento de inspiração



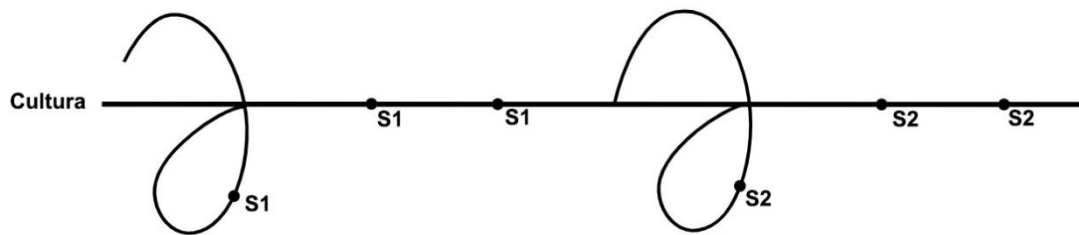
Ou seja, uma continuação do movimento tradutivo provocado e reaberto pela análise, que também mantém a dimensão essencial da alteridade interna em torno do qual o Eu gravitaria. Esses dois esquemas (Fig. 1 e 2) parecem estar alinhados com a ideia da inspiração como um produto do final de análise. Ao propormos que algo desse movimento possa ocorrer fora da tina psicanalítica, sem necessariamente ter passado por um fim de análise, não queremos dizer que a invenção da psicanálise não traga algo de profundamente renovado na sublimação, com a capacidade de se manter aberto ao enigma do outro. Mas, parece-nos que entender o cultural como local privilegiado¹³ da transferência implica nos abrirmos para a ideia de que algo do movimento de inspiração possa ocorrer fora das paredes que cercam a

¹³ “... dentre as transferências existentes ‘antes’ da análise (antes da análise de tal indivíduo e antes da criação histórica da análise), reconhecemos uma posição privilegiada às relações múltiplas com o ‘cultural’ considerado em sua mais ampla acepção. Ora, as transferências psicanalíticas não poderiam ser nem absolutamente idênticas, nem completamente diferentes das transferências pré-analíticas. Isto quer dizer que o lugar do cultural como lugar de interpelação enigmática, com cem bocas e mil ouvidos, permanece privilegiado quando se trata de transferência da transferência” (Laplanche, 1993, p. 82).

tina analítica. Desenhamos um terceiro esquema com intuito de pensar como seria esse movimento fora do contexto de análise em um caso de neurose.

Figura 3

Neurose fora da análise



O que percebemos nas neuroses é uma tendência constante para o fechamento ptolomaico, por meio de traduções mais ou menos rígidas. Às vezes, situações diversas, como hospitalizações, perdas de entes queridos, conflitos em relacionamentos, crises, podem ocasionar uma abertura esporádica para o enigma, propiciando traduções renovadas, mas que tendem a se fechar rapidamente (S1, S1, S1, S1, situações traumáticas, S2, S2, S2, S2). Não é raro em nossos consultórios, quando um paciente nos narra sua história, que ele localize alguns desses pontos de virada em sua vida. Ou mesmo que testemunhemos na cultura certos casos em que, a partir de um momento traumático, um indivíduo experiencie verdadeira metanoia (Belo, 2016), entendendo seu *chamado* ou seu *propósito*.

Vivemos, atualmente, uma pandemia em escala global que convocou das defesas mais arcaicas às mais elaboradas em todos nós. O que percebemos é que nem todo trauma leva ao movimento de inspiração, mas o movimento de inspiração parece ser engendrado pelas vivências traumáticas (Browning, 2018). A principal diferença que percebemos no movimento de inspiração *comum* daquele produzido ao fim de uma análise seria uma capacidade de manutenção da abertura presente na inspiração após uma psicanálise, de maneira que algo de um movimento copernicano se mantém em contraponto a uma tendência de síntese, de fechamento. Gostaríamos de pensar como isso se dá em sujeitos que têm uma relação um pouco mais próxima com a cultura, sujeitos que, como se refere Laplanche (1998), estão “... numa relação de endereçamento ao outro e de vulnerabilidade pela inspiração do outro que é própria dos criadores, qualquer que seja seu território de criação” (Laplanche, 1998, p. 99). Será que o artista conseguiria sustentar essa abertura para o enigma? E quais as possíveis consequências desse movimento fora da tina analítica?

3.7 A INSPIRAÇÃO E OS ARTISTAS¹⁴

Estamos entendendo que o movimento de análise é análogo ao de inspiração, sendo que na análise o desligamento pulsional e a reabertura da situação originária são provocados pelas intervenções e recusas do analista. No caso do movimento de inspiração, essa abertura é provocada pelo desligamento pulsional proveniente do encontro com o enigma, que leva a avanços mortíferos do pulsional. Isso fora da tina analítica dá certa contenção para a dissolução egóica provocada pela análise (Laplanche, 1993). Assim, se ao fim de uma análise esperamos que o analisando seja capaz de sustentar essa relação, uma vez que sua língua de partida se enriqueceu, seria o artista capaz de sustentá-la sem passar pelo processo? Não duvidamos que a criação artística possa ter uma *função terapêutica* – a dimensão de simbolização, tradução presente na sublimação –, como nos dá testemunho a escultora parisiense Louise Josephine Bourgeois: “As ansiedades desaparecem para sempre. Nunca voltarão. Eu sei. Funciona.” (Bourgeois, n.d. como citado em Rivera, 2005, p. 62).

Suspeitamos, no entanto, que essa abertura para a alteridade também possa ter efeitos mortíferos para o sujeito, como nos demonstra Lage (2008), ao analisar os efeitos das oficinas terapêuticas no contexto da saúde mental: “... a própria atividade parece ser responsável pela intensificação da angústia, podendo favorecer o desencadeamento de uma crise.” (p. 14). Basta lembrarmos o trágico destino de diversos artistas que cometeram autoextermínio, às vezes, em momentos prolíficos de sua produção – como Sylvia Plath, David Foster Wallace, Virginia Woolf e Alexander McQueen – para termos alguns indícios da dificuldade de se manter aberto ao enigma, sem dispositivos que propiciem uma contenção e também de endereçar esses outros dispersos no futuro. No entanto, como diferenciar o efeito de certa configuração psíquica específica, como a melancolia, dos efeitos do encontro com a alteridade radical que pode inspirar e compelir a criar? “A inspiração, por certo, nunca é pura, nem sempre totalmente irreduzível ao olhar analítico. A interferência com elementos neuróticos, e mais ainda psicóticos, é muitas vezes patente. Mas a psicose não é também uma reminiscência da primazia do outro?” (Laplanche, 1999/2017, p. 50). Além disso, sabemos que nem sempre essa abertura ao outro resulta em destinos nefastos. Parece haver certo jogo entre uma capacidade de se manter aberto e a de simbolizar, presentes na inspiração. Podemos pensar no

¹⁴ Optamos aqui pelo termo artista, em detrimento de poeta, escritor, criador. No entanto, estamos nos referindo ao Dichter do qual nos fala Freud (1908a), ou seja, artista não no sentido daquele que necessariamente trabalha com um campo da arte, mas num sentido generalista que contempla o brincar das crianças.

exemplo de quando Leonardo se depara com sorriso enigmático de Gioconda, isso evoca nele a lembrança do sorriso de sua mãe (Freud, 1910). Ele pinta *Mona lisa*, *Sant'Ana*, *A virgem e o Menino* e podemos enxergar a característica do sorriso enigmático até mesmo em seu *São João Batista* produzido anos depois. Trabalhos esses que levaram anos para serem concluídos. Esse mesmo sorriso, que remete à cena de sedução, de certa forma inspirou e inspira diversas obras ao longo dos séculos¹⁵. Parece-nos que na inspiração “Passado e futuro convergem no presente, provocando conversas inacabadas. O pintor pinta, o escritor escreve, tentando dialogar com um público futuro que não responde.” (Browning, 2018, p. 582)¹⁶.

Em suma, o que temos tentado construir até então poderia ser sumarizado da seguinte forma: 1) a produção de traduções renovadas parece ter uma ligação com condições que poderíamos designar amplamente como traumáticas; reabrir a situação originária evoca o desamparo e a passividade, o que atrapalha a tendência egoica à síntese; 2) nem sempre esse encontro com a alteridade vai engendrar o movimento de inspiração, pois temos ainda o trauma que paralisa esse movimento, e isso talvez dependa não somente da magnitude do trauma, mas de certa capacidade de simbolização, de ligar os afetos à representação; 3) esse movimento não é patrimônio exclusivo de um fim de análise, de maneira que poderíamos identificar algo dele em especial nas criações artísticas, tanto no encontro de Leonardo com o sorriso de Gioconda, quanto em situações mais correntes em nosso consultório, como, por exemplo, o paciente que transforma certa vivência de abuso sexual experienciada na vida adulta em uma peça de teatro; e 4) em determinadas configurações psíquicas, o encontro com a alteridade pode ter consequências mortíferas para o sujeito.

Assim, pensando na diversidade dos casos e nesse jogo entre a manutenção da abertura e a tendência ao fechamento, propomos o seguinte esquema:

Figura 4 Espectro da inspiração

¹⁵ Cf: *L.H.O.O.Q.*, de Duchamp; o *Autorretrato como Monalisa*, de Dali; as serigrafias de Warhol.

¹⁶ Tradução livre para: “Past and future converge in the present, provoking unfinished conversations. The painter paints, the writer writes, attempting a dialogue with a future audience that does not respond.”



Esse espectro vai de dois polos: do lado esquerdo, temos a tendência ao desligamento, o grau de abertura para a alteridade, e do lado direito, a tendência à síntese. Sendo a abertura pura, com simbolização precária, representada pelos estados de crise, em que presenciamos a potência do ataque interno das pulsões em que há “... uma quebra do Eu e da tópica que deixará marcas em certo grau irreversíveis...” (Lattanzio, 2018, p. 225). Do lado oposto, temos a inibição como a defesa que se fecha totalmente para a alteridade, paralisando o movimento tradutivo, fechando-se na repetição. O esquema 3, da neurose comum, em que por conta de abalos externos, do encontro com o traumático, produz novas traduções, mas que se fecham rapidamente. A linha cinza que separa o esquema indica intervalos em que o movimento de inspiração é paralisado, seja por uma abertura com mediações precárias e rumo ao desligamento (lado esquerdo), seja por um fechamento radical a alteridade que se engessa em traduções muito rígidas (lado direito). O intervalo em preto indica pontos em que o movimento de inspiração é, de certa forma, renovado, tanto em casos mais próximos do desligamento proveniente da abertura, como no luto e no caso dos artistas suicidas, quanto em casos mais próximos ao movimento de síntese, como na sublimação e nos artistas idealizados, ou geniais, dentre os quais, Leonardo talvez seja o paradigma. Ao centro do esquema,

teríamos a inspiração produzida pela análise (esquema 2), em que há uma gravitação constante em torno da alteridade que mantém ativo o processo de tradução.

Desde que começamos a trabalhar a noção de inspiração, utilizamos o termo *movimento recorrentemente*. É importante salientar esse aspecto processual está presente na inspiração e está representado pelas espirais que se estendem ao longo do eixo da análise ou da cultura. Assim, optamos por apontar nesse espectro tanto pontos que indicam um momento específico desse movimento, quanto pontos que se referem a como esse movimento ocorre ao longo do tempo. Quer dizer, ao situarmos um caso nesse espectro, não queremos encerrar seu destino como se tal caso fosse permanecer naquele ponto do espectro, mas entendermos em que ponto, num determinado momento, poderíamos situar tal caso. Isso, talvez, possibilite pensarmos toda amplitude de simbolizações que muitas vezes são condensadas, ao menos quando falamos de artistas, sob a égide da sublimação. O desligamento pulsional proveniente da abertura à alteridade presente em uma performance como *Transfiguration*, de Oliver Sagazan¹⁷ é diferente da sublimação do sadismo do *homem dos lobos* pelo interesse na religião (Freud, 1918). Para além disso, acreditamos que esse espectro nos ajuda a pensar nos efeitos clínicos da abertura à alteridade. Situar um determinado momento em que um paciente se encontra dentro desse espectro talvez dê pistas para que tipo de manejo clínico caberia ao analista realizar naquele momento específico. Se, em grande medida, o papel do analista é renovar o traumatismo da terapia, contra o movimento da síntese que vem do próprio paciente, ou seja, caminhar para o lado esquerdo do espectro, em alguns casos ou momentos somos convocados a realizar intervenções que caminham no sentido oposto, auxiliando no processo tradutivo.

3.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscamos articular alguns desdobramento teórico-clínicos de Jean Laplanche sobre a transferência às noções de sublimação e inspiração. Tal como no movimento de inspiração, que por meio da abertura à alteridade se produz traduções renovadas, a partir de certas interpretações teóricas do texto de Laplanche, procuramos fazer trabalhar a noção de inspiração.

Então, assim como em um processo de análise vem se materializar certa concepção da constituição do psiquismo e uma teoria das pulsões, essas concepções também estão presentes

¹⁷ <https://bit.ly/3wQmTwf>.

no movimento de inspiração, tanto ao pensarmos na inspiração como esse movimento de reabertura da situação originária que engendra o processo tradutivo, quanto ao concebermos que há certo jogo presente nesse movimento entre o desligamento pulsional proveniente do encontro com a alteridade e a tendência egoica a síntese.

Em seu conto *Sobre o rigor na ciência*, Jorge Luís Borges (1935/1982) nos conta de um império em que a arte da cartografia teria alcançado a perfeição. Os mapas reproduziriam as cidades ponto por ponto, igualando-se, inclusive, em tamanho com elas. Esses mapas perfeitos foram julgados inúteis pelas gerações subsequentes e, conseqüentemente, destruídos por elas. Quanto mais perfeita uma formalização da realidade aspira ser, menor seu poder de generalização. Ao propormos um espectro do movimento de inspiração, perdemos a especificidade de alguns casos, ao mesmo tempo em que apontamos para a diversidade de dinâmicas possíveis, trazendo matizes para se pensar nas noções de inspiração e sublimação sem desistirmos de algum grau de formalização. Futuras pesquisas poderão se deter em uma descrição pormenorizada desses movimentos em espiral em diversas configurações psíquicas, constituindo uma psicopatologia que toma por base os novos fundamentos.

REFERÊNCIAS

- Belo, F. (2016). Corpo, trauma e metanóia. In R. E. Goetz, & C. P. Farias (Orgs.), *Sofrer, adoecer e morrer: reflexões sobre o corpo na contemporaneidade* (pp. 43-52). Curitiba: Juruá.
- Browning, D. L. (2018). Life and death in sublimation: the artistic survival of hans reichel in World War II France. *American Imago* 75(4), 563-609. [doi:10.1353/aim.2018.0031](https://doi.org/10.1353/aim.2018.0031).
- Borges, J. L. (1982). Sobre o rigor na ciência. In J. L. Borges. *História Universal da Infância* (p. 117). Lisboa: Assírio e Alvim. (Trabalho original publicado em 1935)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras Completas*, (vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2015). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de infância. In S. Freud. *Obras Incompletas: arte literatura e os artistas* (pp. 69-166). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 6, pp. 13-173). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905a)
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria [“o caso Dora”]. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 6, pp. 173-321). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905b)
- Freud, S. (2016). O poeta e o fantasiar. In S. Freud. *Obras Incompletas: arte literatura e os artistas* (pp. 54-71). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908b)
- Freud, S. (2017). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras Incompletas: As pulsões e seus destinos*. (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2018). Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 8, pp. 359-389). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908a)
- Freud, S. (2019). História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”). In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2019). Para além do princípio de prazer. In S. Freud. *Obras Completas* (vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud (2019) Dois verbetes de Enciclopédia. In S. Freud. *Obras completas* (vol. 15, pp.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

- Lage, Y. R. (2008). *Sublimação e idealização: os destinos de um conflito*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte].
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/TMCB-7WTQNQ>
- Laplanche, J. (1986). Traumatisme, traduction, transfert et autres trans(es). *Psychanalyse à l'Université*, 11(41), p. 71-85.
- Laplanche, J. (1989). *Problemáticas III: A sublimação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980)
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (1992/1993) A revolução copernicana Inacabada. *Revista Percurso*, 56/57, 15-34.
- Laplanche, J. (1993) *A tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (1993) Da transferência: sua provocação pelo analista. *Revista percurso*, 1(10), 73-83.
- Laplanche, J. (1998). Objetivos do processo psicanalítico. *Cadernos de Psicanálise*, 14(17), 78-101.
- Laplanche (2015) *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano – 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense. (Trabalho original publicado em 2007)
- Laplanche, J. (2017). Sublimação e/ou inspiração. *Revista Percurso*, 56/57, 35-52. (Trabalho original publicado em 1999)
- Lattanzio, F. F. (2018). Uma abordagem continuísta da psicopatologia psicanalítica: um percurso por Freud, Lacan e a Teoria da Sedução generalizada de Jean Laplanche. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, P. C., Figueiredo, L. C., & Coelho, N. E. (2019). Sobre intuição e inspiração. Algumas ideias acerca de Bion e Laplanche. In A. R. Barros, & T. S. Candi (Orgs.), *Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos Bion e Laplanche: do afeto ao pensamento* (pp.325-344). São Paulo: Escuta.
- Rivera, T. (2005). *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Tarelho, L. C. (2017). O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na Teoria Laplancheana. In: Ribeiro, P.C, Carvalho, M.T.M, Cardoso, M.R., Tarelho, L.C. *Por que Laplanche? Zagodoni*, 2017, (PP.15-50)

- Tarelho, L. C. (2017). O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In P. de C. (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 15-49). São Paulo: Zagodoni.
- Wyatt, J. (2019). Laplanche, Freud, Leonardo: Sustaining Enigma. *American Imago* 76(2), 183-206. [doi:10.1353/aim.2019.0012](https://doi.org/10.1353/aim.2019.0012).

4 CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, escrevemos dois artigos diferentes, que, de certa forma, articulam-se por contribuírem para os estudos que se inserem na interface entre psicanálise e arte. O primeiro desses artigos tinha por objetivo questionar a definição de sublimação quanto aos elementos que a distinguem; assim, a sublimação não poderia ser definida por uma lógica circular do tipo: a sublimação é o mecanismo psíquico responsável pela criação artística, ou a criação artística é o resultado de um processo sublimatório; nem poderia ser definida quanto aos objetos socialmente valorizados, uma vez que a psicanálise não comportaria uma teoria dos valores; tampouco pelos elementos metapsicológicos, ao tencionarmos o que seria uma dessexualização da pulsão e como a sublimação se diferenciaria dos produtos do recalque. Esses elementos distintivos da noção de sublimação nos pareceram frágeis demais. Assim, questionamos se a referência à noção não se tornou uma reverência, vaga, obrigatória, ainda que esta não tenha uma concepção metapsicológica clara. Acreditamos que a principal diferença do primeiro artigo em relação a toda a literatura que se insere na esteira de uma crítica à noção de sublimação seja a retomada dos usos que Freud faz da noção em seus casos clínicos, com enfoque no caso do *homem dos lobos*, além de um tensionamento constante da noção apoiado nas questões levantadas por Laplanche em sua problemática.

No segundo artigo, buscamos fazer trabalhar a noção de sublimação e inspiração na obra de Jean Laplanche, articulando-a à sua teoria da sedução generalizada, sua interpretação dos dualismos pulsionais freudianos, e aos seus desenvolvimentos teórico-clínicos sobre a transferência. Defendemos que a inspiração é um movimento que não se restringe às paredes da tina psicanalítica e pode ser pensada fora desse contexto, sobretudo na relação com o cultural. Ao propor um espectro da inspiração, caminhamos no sentido de ampliar a noção de inspiração, trazendo matizes para se pensar como esse movimento ocorre fora e dentro da clínica psicanalítica, assim como suas possíveis consequências.

Assim, esses dois artigos se articulam de maneira a criticar a noção de sublimação em Freud como ferramenta utilizada nos estudos que se inserem na interface entre psicanálise e arte. Ademais, propor uma ampliação da noção de inspiração em Laplanche, de maneira a fornecer outra ferramenta que talvez nos permita pensar de maneira diferente a diversidade de casos e simbolizações, bem como suas possíveis consequências clínicas.